

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS-UACS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

REZADORES DE UMARI - CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-
2015)

YSLANY MOREIRA DE MENEZES

CAJAZEIRAS-PB

2016

YSLANY MOREIRA DE MENEZES

REZADORES DE UMARI - CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-
2015)

Monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para a obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Vieira de Sousa

Cajazeiras-PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

M543r Menezes, Yslany Moreira de
Rezadores de Umari - CE: entre a tradição e a fé (1970 - 2015) /
Yslany Moreira de Menezes. - Cajazeiras, 2016.
111f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Práticas religiosas - história. 2. Rezadores - Umari - CE. 3.
Crenças. 4. Oralidade. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

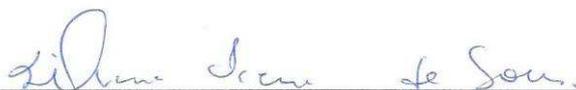
UFCG/CFP/BS

CDU - 2-72-4(091)(813.1)

REZADORES DE UMARI: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ 1970-2015

APROVADO EM: 25 / 05 / 2016

BANCA EXAMINADORA

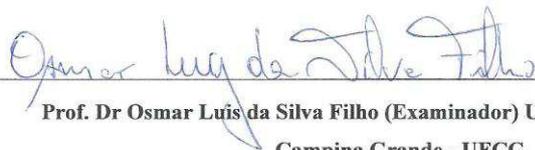


Prof. Dr^a. Silvana Vieira de Sousa (Orientadora) Universidade Federal de
Campina grande - UFCG



Prof. Ms. Eliana de Souza Rolim

(Examinador)



Prof. Dr Osmar Luis da Silva Filho (Examinador) Universidade Federal de
Campina Grande - UFCG

Prof. Ms. Isamarck Gonçalves Lobo (Suplente) Universidade Federal de Campina
Grande - UFCG

RESUMO

A pesquisa desenvolvida tem como temática Rezadores de Umari - CE: entre a tradição e a fé (1970-2015) objetivando mostrar como as práticas religiosas estiveram e estão, presentes no cotidiano, se apresentando, também, como tradição na cultura e na vida das pessoas. Focamos no conhecimento de como os rezadores rezam e como tratam das doenças que chegam até eles. Do ponto de vista metodológico fizemos uso da história oral através da realização de entrevistas e coleta de depoimentos e relatos que foram por nós trabalhados como documentação. Trabalhando com a história social da cultura e das mentalidades, dialogamos com autores que nos possibilitaram pensar um caminho para o entendimento da vida social e cultural e do papel que esses rezadores têm perante a sociedade. A aproximação com os rezadores de Umari - CE nos possibilitou um conhecimento de uma cultura religiosa plural, multifacetada que nos remete a tradições religiosas enraizadas desde a formação social inicial do Brasil até os dias atuais.

Palavras chave: Tradição, Reza, Crenças, Oralidade, Umari.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois sem ele não estaria aqui, vivenciando esses momentos.

Quero agradecer aos meus amigos que me apoiaram, me incentivaram, não deixaram que as dificuldades me impedissem de realizar um sonho. A Célia que me ajudou muito quando mais precisei. Muito obrigada.

Além da família quero agradecer ao meu irmão Ygor, a minha amiga/irmã Maézia, George, Janaina pessoas queridas que sempre me incentivaram a seguir na vida.

Quero também agradecer a minha mãe Verônica, pai Chico, meu avô José e minha avó Conceição, amo muito vocês.

A professora doutora Silvana Vieira, por contribuir e ajudar no crescimento do trabalho, pela dedicação e empenho para que esse trabalho fosse possível, por sempre tirar minhas dúvidas, muito obrigada Silvana.

A todos os meus professores do CFP de Cajazeiras, por contribuírem na minha formação não só profissional mais também como pessoa. Vou levar seus ensinamentos pra vida.

Aos entrevistados por de terem compartilhado seus relatos e suas experiências.

E não poderia faltar aos meus amigos e colegas de curso, pessoas que vou levar sempre comigo.

Meu muito obrigada a todos vocês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I	12
ENTRE TRADIÇÃO E ORALIDADE: PRÁTICAS DE CULTURAS POPULARES.	12
1.1 TRADIÇÃO E ORALIDADE DE CURANDEIROS E REZADORES.	15
1.2 O SINCRETISMO RELIGIOSO: DIANTE DO PRECONCEITO E DA INTOLERÂNCIA.	19
CAPÍTULO II	24
1970 TEMPOS DE REZADORES: TEMPOS DIFÍCEIS.	24
2.1 1970 NO BRASIL, ECONOMIA E SOCIEDADE.	24
2.2 1970, NO CENÁRIO NORDESTINO, TEMPO MUITO MAIS DIFÍCIL.	27
2.3 MODOS DE SOBREVIVER: UMARI EM MEADOS DA DÉCADA DE 1970.....	31
2.4 A SAÚDE EM MEADOS DOS ANOS 1970 EM UMARI-CE.....	36
CAPITULO III	41
A REZA COMO UM OFÍCIO: PRÁTICAS DE REZADORES E REZADEIRAS DE UMARI-CE.....	41
3.1 A REZA COMO UM DOM.	41
3.2 OS MALES E AS CURAS DOS REZADORES DE UMARI-CE.	45
3.3 ELEMENTOS E RITUAIS DE CURA DOS REZADORES DE UMARI - CE.	48
3.4 REZADORES: QUEM OS PROCURA?.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
APÊNDICE	65
ANEXOS	66

A FÉ DO REZADOR

*Nessa pesquisa eu vou mostrar
Histórias de um povo muito querido
Homens e mulheres que sabem rezar
E ameniza a dor do coração dos sofridos*

*Com seus ramos e terços na mão
Com a fé que ilumina o coração
Cura o mal que invade
Do espírito ou do corpo de verdade*

*Um povo sabido de dá gosto
Trazem crenças de outrora sem saber
E no rosto do menino um esboço
De felicidade da dor que parou de doer*

*Mal olhado vento caído
Espremedera diarreia dor de ouvido
Espinhela caída as arcas também lá no chão
Tudo isso é curado com fé e oração*

*Esse pequeno verso é só uma homenagem
A esse povo que tem força garra e coragem
Trazendo consigo todas suas crenças
Rezando e acabando com todas essas doenças.*

MENEZES, Yslany Moreira de.

Não me pergunte quem sou e não me diga para
permanecer o mesmo.

Michel Foucault.

INTRODUÇÃO

Na cidade de Umari - CE e nas regiões circunvizinhas, os rezadores e as rezadeiras, são pessoas conhecidas. Dominam um conjunto de orações como chamam, de rezas, que juntamente com a utilização da planta e de ervas medicinais realizam suas práticas de cura para um conjunto de enfermidades que acometem pessoas que buscam suas rezas.

Esses rezadores e rezadeiras são pessoas do povo, são mães de famílias, donas de casa, em geral são pessoas mais idosas, que no seu cotidiano além das rezas, tem os afazeres domésticos, lavar roupa, fazer comida, cuidar dos filhos. Os rezadores também são homens do campo cuidam de seus animais como galinhas, porcos, algumas vacas. Esses homens e mulheres são moradores da zona Rural de Umari - CE moram nos sítios como é mais conhecido na região. A tradição religiosa a que mais se filiam em suas práticas e como se apresentam é a religião católica, tem devoção aos santos, vão a igreja. São pessoas que não se distinguem ou se diferenciam dos demais da comunidade. Não fazem uso de uma roupa específica ou algum adereço que as faça se destacar das outras pessoas da comunidade, são conhecidos como rezadores por todos da região que se encarregam eles próprios de divulgar os seus serviços.

Quando das primeiras e ainda informais visitas aos rezadores de Umari - CE nos deparávamos com informações que falavam de um tempo de muita procura pelos préstimos dos rezadores, era a década de 1970, resolvemos partir dessa data como marco cronológico para pensar e falar dessa realidade. Uma análise do contexto social, cultural e econômico do período 1970 nos revelou um quadro de agravamento das condições de vida do povo do Nordeste, do Ceará e de Umari. Compreendemos os principais males que afligiam essa população que tanto precisava dos rezadores. Em meados da década de 1970 e até mesmo antes, e saber como eles agiam a respeito dos mesmos.

Para realizar esse trabalho usamos como metodologia a História Oral realizando entrevistas com quatro rezadores: Maria dos anjos Moreira Brasil, Maria José da Silva, Celso José de Andrade, Valdir Macedo de Lima. Contamos ainda com relatos de pessoas que vivenciaram a década de 1970, passaram pela seca como o senhor José

Leonel Sobrinho, também beneficiado por esses rezadores para curar suas doenças e Maria Verônica Moreira de Menezes que vivenciou as décadas de 1970 e 1980 em diante, relatando as dificuldades enfrentadas por ela. Para a coleta desses dados foi usado o termo de livre consentimento que está disponibilizado no anexo do trabalho.

Como suporte teórico para a abordagem, fizemos uso de obras que referenciam a História Oral, a cultura popular em destaque os trabalhos de Sônia Maria de Freitas, Alcaron Agra do Ó, Walter Benjamin, Henri Bergson, Peter Burke, Edeó Bosi, Carlo Ginzburg, Andreia Carla Rodrigues Teotonio, Ronaldo Vanifas, Ciro Flamarion, Mauricio Parnaíba, Silvana Vieira.

Para a elaboração desse trabalho foram escritos três capítulos. O primeiro é intitulado: Entre tradição e oralidade: práticas de culturas populares, onde dialogamos com estudiosos que abordam a história oral como fonte de pesquisa, e também por ser o nosso procedimento metodológico, com estudiosos do campo da história das mentalidades e história cultural e crenças populares. O segundo capítulo Tempos de rezadores: tempos difíceis, trabalhamos com o contexto social e econômico da década de 1970, abordamos o tema a nível nacional, regional e micro regional, apresentando aspectos sociais da época e como os rezadores estavam ligados a esse contexto sociológico. O terceiro e último capítulo, A reza como um ofício: práticas de rezadores e rezadeiras de Umari - CE no qual apresentamos o nosso objeto de estudo, e nosso propósito de contar parte da história dos rezadores e de como praticavam suas rezas e a importância dos mesmos na comunidade de Umari - CE.

CAPITULO I

ENTRE TRADIÇÃO E ORALIDADE: PRÁTICAS DE CULTURAS POPULARES.

Pesquisas sobre práticas e experiências populares remete o pesquisador para o encontro quase sempre com um universo em que os registros tradicionais escritos pouco se aplicam ou se apresentam para seu uso e seu interesse. Exemplo dessa questão apresentamos as experiências dos rezadores e benzedores que estudamos aqui nesse trabalho sob a perspectiva da História Oral e sua contribuição nessa problemática.

Como metodologia a chamada História Oral vem ajudando muitos pesquisadores desde os anos de 1970, tornando-se assim, uma fonte que, cada vez mais, desperta o interesse de muitos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. É através da oralidade considerada como campo de produção de documentos que se podem resgatar fatos que poderiam ser condenados ao esquecimento, a exemplo de experiências que não usaram códigos da escrita para qualquer sinal de registro. Nesse aspecto, a História Oral privilegia e dar vez a voz dos indivíduos como também sua memória. As práticas e experiências populares marcadas na tradição podem assim ser consultadas por vias do trabalho com as memórias.

De acordo com Pierre Nora, um dos mais significativos estudiosos da questão, memória é o vivido e história é o elaborado (p 52)¹. Ou seja, através de um trabalho com a memória se “reconstrói” o passado. A memória se emancipa da história na virada do século XIX, tornando-se matéria de estudo da literatura com Proust², da filosofia com Bérson³, da psicologia com Freud⁴, e na sociologia com Halbwachs⁵. Desde então

¹ FREITAS, Sonia Maria de: **História Oral Possibilidade e Procedimentos**. pág. 27. Imprensa Oficial SP. Novembro 2002.

² Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (Auteuil, 10 de julho de 1871- Paris, 18 de novembro de 1922) foi um escritor francês mais conhecido pela sua obra *À la recherche du temps perdu* (em busca do tempo perdido) que foi publicada em sete partes entre 1913 e 1927.

³ Henri Bergson (Paris, 18 de outubro de 1859- Paris, 04 de janeiro de 1941) foi um filósofo diplomata francês. Conhecido principalmente por *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, *matéria e memória*, *As duas fontes da moral e da religião* dentre outras, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas.

⁴ Sigismund Schlomo Freud, (Freiberg in mahern, 06 de maio de 1856- Londres 23 de setembro de 1939), mais conhecido como Sigmund Freud, foi um médico neurologista e criador da psicanálise.

e mesmo assim, os historiadores tem um domínio limitado no campo da memória, Segundo Freitas (2002. Pág. 60), em sua pesquisa ela também diz que poucos estudos foram realizados sobre o tema, segundo ela os trabalhos dos historiadores franceses Pierre Nora e Le Goff, são uns dos poucos exemplos.⁶ De todo modo, o depoimento oral vem sendo utilizado como fonte histórica que impulsiona uma reflexão com relação ao fenômeno da memória em si.

Em se tratando dos principais problemas teóricos conceitual sobre a memória temos em contraponto dois estudiosos, Bergson (1859-1941)⁷ para quem a memória pura é uma verdadeira, memória que se mantém no subconsciente, e, em contrapartida Halbwachs (1877-1945)⁸ que afirma que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com ideias de hoje. Ou seja; o tempo vai sofrer novas transformações e as pessoas também em suas percepções, ideias e juízos, realidade e valor, sendo assim segundo Halbwachs, o passado não sobrevive tal como foi, o passado sofre um processo de reelaboração ou ressignificação. Mesmo com tantos pontos de vista a história oral, no trabalho com as memórias, mostra uma grande potencialidade, também, pelo fato de poder ser usada fora da cultura acadêmica.

Thompson⁹, outro importante estudioso da diz que a História Oral não é um instrumento de mudança dependendo de como seja utilizada, ela pode apenas transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. A História Oral permite ainda e assim, uma junção com outras fontes, e essas fontes vão se confrontar entre escrita e oral utilizando a multidisciplinaridade, tornando-se um trabalho em que o historiador leve em conta a formação e os métodos de pesquisa:

Assim a narrativa memorialística, referida as experiências vividas, era construída tendo em vista tensões exigências do instante em que ela estava sendo elaborada e estabelecida. E, além disso, ela incidia por sobre a sua

⁵ Maurice Halbwachs (Reims, 11 de março de 1877-Buchenweld, 16 de maio de 1945) foi um sociólogo francês da escola durkheiminiana, Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, que ele criou.

⁶ FREITAS, Sonia Maria de: **História Oral Possibilidade e Procedimentos**. Imprensa Oficial SP. Novembro 2002. Pg 60.

⁷ FREITAS, Sonia Maria de: **História Oral Possibilidade e Procedimentos**. Imprensa Oficial SP. Novembro 2002. Pg64.

⁸ FREITAS, Sonia Maria de: **História Oral Possibilidade e Procedimentos**. Imprensa Oficial SP. Novembro 2002. Pg65.

⁹ FREITAS, Sonia Maria de: **História Oral Possibilidade e Procedimentos**. Imprensa Oficial SP. Novembro 2002. Pg81.

atualidade, reconstruindo seus contornos à medida que lhe emprestava uma nova imagem para o seu passado.¹⁰

Na citação a cima, Alcaron¹¹, afirma que a memória está ligada as experiências do individuo, as suas crenças a seu modo de vida, essa memória vem sendo construída ao longo de sua vivência, sendo assim, lhes permite dar novo contorno a uma imagem ou representação do passado. No mesmo texto ele ainda afirma que:

No âmbito do conjunto textual um passado que, por definição apartava-se do presente – tanto porque o presente era ali inventado como um instante de ruptura em relação ao tempo idealizado, quanto porque as marcas daquele tempo encenado pela memória em quase nada se assemelhavam ao que afinal estava sendo vivido no presente dos autores.¹²

Segundo o autor a ideia de ruptura que é explorada pela historiografia, que pode ser interpretada em tempos diferentes mais que são comuns a experiência social. Ele também afirma que os memorialistas se diziam reféns de personagens da história, pois tanto eles podiam narrar uma história e apenas narrar, como também poderiam provar o que diziam. O que foi narrado era parte de suas lembranças, que faziam parte de uma subjetividade que estava atrelada a sua condição de ser velho e já ter vivido longos anos, e era a partir dessas lembranças que eles contavam a sua história, histórias carregadas de crenças, saberes e dizeres populares que eram passadas de geração em geração através dessas narrativas subjetivas.

Por que as narrativas trazem subjetividade, as fontes orais fazem com que o historiador consiga compreender determinadas situações que não estão arquivadas ou registradas, facilita a compreensão do meio que o indivíduo está inserido, as vivências e experiências de um determinado povo, individuo ou região. É por isso uma vasta fonte de pesquisa que pode incorporar coletividades até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos, como diz Alcàzari.¹³

¹⁰ O, ALCARON Agra do. **Memória de velhos no nordeste brasileiro**. p37. Artigo consiste em versão reduzida do último capítulo da tese de doutorado custeada em parte por Bolsa CAPES e orientada pelo Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

¹¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto da Unidade Acadêmica de História e Geografia e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. E-MAIL: <velhice@gmail.com>

¹² O, ALCARON Agra do, **memória de velhos no nordeste brasileiro** p37.

¹³ ALCAZARI GARRIDO, Joan Del. **As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.13, n.º25/26, p. 33-54, set.1992/ago. , 1993.

Assim, compreendendo que História e Memória são diferentes, a memória pode e tem sido uma fonte histórica, porque é através dos relatos que podemos compreender diversos grupos sociais o que tem sido lembrado ou recordado por esses grupos, pois eles também expressam fenômenos históricos segundo Maria Menêndez Motta.¹⁴ E são esses fenômenos que são alvo de estudos dos historiadores. Assim, a memória, a tradição e as crenças de um determinado povo ganham significados e subjetividade entendida como o que se sente, e como se expressa esses sentimentos os quais ao se tornarem documento apresenta dificuldade como qualquer outra fonte.

1.1 TRADIÇÃO E ORALIDADE DE CURANDEIROS E REZADORES.

Antes mesmo de a medicina científica chegar ao Brasil, às práticas de cura já existiam, práticas essas que decorrentes de múltiplas culturas existentes desde o início do Brasil Colônia:

O povo, enfim, usava o que tinha à mão numa terapêutica fantástica, crendo em tradições por vezes datadas de tempos da colônia: [...] entressaco de mulungu contra prisão de ventre, óleo de fava de cumaru contra ozena, acônito para cólera...¹⁵

Essas práticas de cura reconhecidas como medicina popular, que eram praticadas por curadores, herbários, mezinheiros, parteiras. Eles faziam uso de ervas, plantas que tinham um efeito curativo e que tratava de doenças. Segundo Nava¹⁶, em estudo sobre o Brasil, esses curandeiros, que exercia essa chamada medicina popular aplicavam seus saberes de uma maneira rudimentar, e “primitiva”, sendo os mesmos resultados de tradições trazidas por colonos brancos da Europa. Uma vez chegando ao Brasil sofrem

¹⁴ MOTTA, Maria Menêndez. **História e memória.** Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2196>> Acessado em: 17/03/2016.

¹⁵ O, ALCARON Agra do. Relatos de Males: **Notas de Acerca dos Modos de Adoecer na Paraíba Imperial.** In AGRA DO Ó, Alcaron. A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural. 2. Ed. João Pessoa: Ed. Ideia, 2005.

¹⁶ NAVA, Pedro. **Capítulos da história da medicina no Brasil.** São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina: Eudel; São Paulo: Oficina do Livro, 2003. P 151-2.

essas práticas influências de tradições empíricas da cultura africana indígena, e também dos jesuítas que eram lecionados e que se estabeleceram na Colônia.

Existiu no Brasil uma grande diversidade de práticas de cura que eram exercidas, de antes no Velho Mundo, Europeu. Ali eram constantes, e não só as práticas de cura como também a localização de objetos, a adivinhação da sorte dentre outros serviços. No entanto essas práticas passaram a ser abominadas e repreendidas no Velho Mundo, pois a sociedade europeia do início dos séculos XV até meados do século XVII girava em torno de regras e métodos religiosos que deveriam ser seguidos à risca, segundo Ginzburg (2007. P.305), qualquer prática fora da norma era considerada feitiçaria, e era repudiada pela igreja Católica¹⁷. Qualquer fato que pudesse ser considerado heresia pela igreja sofria duras penas, fazendo com que seus praticantes pudessem ser condenados à morte e serem queimados vivos. Qualquer pessoa que fosse pego fazendo uso de práticas de curandeirismo, cura ou qualquer prática considerada estar ligadas à “feitiçaria”, o indivíduo poderia sofrer as consequências prestado contas ao tribunal da Inquisição como lugar criado pela Igreja Católica para julgar prender e torturar qualquer pessoa que tivesse alguma coisa haver com essas práticas.

Já no Brasil as leis que começaram a proibir as práticas de curandeirismo aparecem com o primeiro código penal, durante o Brasil República em 1890¹⁸, visava proibir essa medicina popular, tornando-a ilegal, e quem passasse a praticar ou tornasse a desenvolver esse tipo de prática de curandeirismo poderia ser punido legalmente. Porém, isso só passou a acontecer porque a medicina oficial dava sinais mais visíveis de sua presença no Brasil, como medicina científica aplicada por médicos e profissionais capacitados para fazê-la. Nesse contexto, as práticas populares começaram a ser proibidas. Passa-se então, a perseguir qualquer pessoa que utilizasse qualquer tipo de prática de curandeirismo, para realizar algum tipo de trabalho, seja ele do lado espiritual ou medicinal. Mesmo com essa proibição essas práticas continuaram por parte dos curandeiros e rezadeiras como diz Alcaron Agra do O, na citação abaixo:

Instigado pelos curandeiros e pelas velhas rezadeiras que desafiavam a proibição imperial o exercício da medicina por leigos, o povo construía a

¹⁷ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa Freire d' Aguiar, Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das letras, 2007. P.305.

¹⁸ O artigo do código penal que penaliza a prática de curandeirismo é o art. 284. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm> Acessado em: 17/03/2016

vida produzindo estratégias de diálogo com os saberes ditos científicos, nem sempre estes cruzamentos sendo de sorte a compor-se uma prevalência dos enunciados e das práticas da ciência.¹⁹

Muitas práticas de cura, rezas e rituais foram trazidas pelos escravos, por uma cultura africana que chegando ao novo continente teve que se adequar diante da imposição de uma nova religião, e conseqüente proibição de suas práticas e crenças. Práticas essas que se associaram as crenças indígenas, que por sua vez já tinha recebido a influência europeia, podemos então dizer que os rezadores, benzedores, curadores, parteiras, são o resultado de uma mistura de crenças, saberes e fé. É um sincretismo que resultou em uma cultura rica, e cheia de histórias que foram passadas geração após geração. “Essa abundância de práticas e produtos curativos deitava raízes numa tradição brasileira”²⁰.

Os curandeiros, rezadores, parteiras, eram da própria comunidade, e exerciam a reza, no caso dos rezadores e curandeiras, para curar as doenças que acometia o povo da comunidade ou região. O acesso à medicina pela classe mais pobre era difícil, e esse povo buscavam maneiras alternativas para curar os seus males. Essas pessoas geralmente eram pessoas mais velhas da comunidade, faziam rezas, ensinavam chás, garrafadas, ajudavam as mulheres na hora do parto, faziam uso da sua sabedoria em prol das pessoas.

Apesar de serem perseguidos esses curandeiros, parteiras e rezadores não evitaram realizar os atos de cura e rezas, e essas práticas se tornaram frequentes no país. Mesmo com as perseguições essas práticas continuaram a se realizar.

Impregnadas de sabedoria popular essas práticas tem como elemento importante a fé e crença religiosa como mecanismos de cura. Atuando em paralelo a ciência médica quase inexistente, os rezadores e as parteiras e outras figuras fizeram história. Os rezadores adquiriram um conjunto de conhecimento prático de ervas, que ao lado das orações transformam-se nas chamadas popularmente mezinhas com atuação e emprego

¹⁹ O, ALCARON Agra do. Relatos de Males: Notas de Acerca dos Modos de Adoecer na Paraíba Imperial. In AGRA DO Ó, Alcaron. **A Paraíba no Império e na República**: Estudos de História Social e Cultural. 2. Ed. João Pessoa: Ed. Ideia, 2005. Pág 31.

²⁰ O, ALCARON Agra do. Relatos de Males: Notas de Acerca dos Modos de Adoecer na Paraíba Imperial. In AGRA DO Ó, Alcaron. **A Paraíba no Império e na República**: Estudos de História Social e Cultural. 2. Ed. João Pessoa: Ed. Ideia, 2005. Pág. 33

nos mais variados receituários das enfermidades. Uma visão de mundo religiosa se destaca nas práticas dos rezadores, essa visão religiosa está ligada ao catolicismo popular, o uso de imagens de santos, terços e rosários são frequentes nas casas desses rezadores, o uso do Pai Nosso e da Ave Maria em suas rezas mostra o quanto a religião católica está presente em seu cotidiano.

O fenômeno religioso pertence do ponto de vista temporal, ao longo prazo. Mais ainda: suas transformações mesmo a sua evolução são muito lentas no que se refere aos hábitos adquiridos, e a visão de mundo.²¹

A influência religiosa é bastante forte na sociedade, os costumes e crenças sobrevivem no tempo como está descrito acima na citação de Le Goff e Nora. Mesmo sofrendo algum tipo de intervenção e pressão por parte dos membros seja por parte do estado ou da igreja, que também se destaca nesse meio, as práticas de cura por leigos religiosos se mantêm na sociedade. O que para alguns pode se constituir em milagres da fé, para outros é puro misticismo. Perseguir esses significados das práticas de cura e ação dos rezadores torna-se importante, até mesmo para entender como uma sociedade conseguia ultrapassar as barreiras no que se refere à realidade social com importantes problemas, principalmente no campo da saúde, onde não havia hospitais nem médicos, assim como de uma política de saúde pública adequada às necessidades e enfermidades da população, especialmente as mais carentes.

O rezador é alguém da própria comunidade que recebe esses ensinamentos de uma pessoa mais velha, esses ensinamentos sempre são transmitidos de forma oral, à maneira com que se fazem as rezas, os gestos que devem ser feitos durante as rezas. Nem todas as orações não podem ser divulgadas, não é qualquer pessoa que tem acesso ao conhecimento dessas rezas, dos chás, das garrafadas e das ervas que se devem utilizar para poder fazê-los, ou seja, tudo isso é transmitido via a oralidade, as pessoas mais idosas que trabalham com essas rezas passam para a pessoa que irá sucedê-lo ensinando-lhes de que maneira se faz esses preparos, e qual erva serve para determinadas doenças.

²¹ LE GOFF, J. NORA, P. **História**: novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976. Cap. A religião: antropologia religiosa. p. 83.

Para cada doença usam uma reza específica, quebrante mal olhado, espinhela caída, campainha caída, esses são alguns dos males que os rezadores costumam abater com suas rezas. A fé que as pessoas depositam nessas rezas é muito grande, através dela realmente acreditam na cura de suas enfermidades. O rezador, não cobra pelas suas rezas, nada os impede de fazer isso, contudo, não o fazem. Os rezadores dedicam sua vida para orar nas pessoas, buscando desenvolver o que para eles é um dom que receberam.

1.2 O SINCRETISMO RELIGIOSO: DIANTE DO PRECONCEITO E DA INTOLERÂNCIA.

Sincretismo é a fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos em um só elemento, continuando perceptíveis alguns traços originários.²² A religião é um dos elementos básicos para a construção de uma sociedade, mas nós sabemos que o Brasil é formado por diversos povos, e cada povo trouxe sua cultura quando chegou ao novo mundo, gerando uma miscigenação cultural.

Sincretismo pode ser um dos poucos termos que possa definir a religião no Brasil, levando-se em consideração que o campo religioso nos pais é vasto, existem várias religiões. Milhares de escravos foram trazidos para a colônia de Portugal na América, muitos eram capturados até mesmo por tribos rivais, logo em seguida eram vendidos para serem escravizados no Brasil. Quando esses povos chegavam à América, logo eles eram submetidos a cultura de Portugal principalmente a cultura e religião dos portugueses. Tanto os africanos quanto os índios logo no início da colonização, foram submetidos a um processo intenso de catequização no qual a religião católica lhes era imposta. Os escravos logo eram batizados, recebiam nomes católicos, e eram obrigados a abandonar sua antiga religião, assim como aconteceu com os índios, isso foi o que lhes foi imposto, mais essa imposição não foi aceita tão facilmente, mesmo escravizados os negros conseguiram continuar com suas crenças trazidas da África.

Os negros africanos assim como os índios, continuaram com suas tradições religiosas, eles tiveram que adaptar sua crença aos costumes católicos e a condição a

²² FERREIRA, Aurélio. A. H. de. **Mini Aurélio, Século XXI**. O mini dicionário da língua portuguesa. 5º edição. Rio de Janeiro. Editora nova fronteira, 2001.

que eles estavam submetidos, a de escravos, e para conseguir continuar com suas crenças. Associar seus deuses aos santos católicos foi uma maneira que eles conseguiram para ludibriar os portugueses que lhes impunham uma nova religião quando chegavam ao Brasil na condição de escravos. Mesmo assim, essa imposição não impediu que surgissem outras manifestações religiosas como podemos observar na citação abaixo:

A partir do sincretismo, ocorrido no interior das senzalas a partir do final do século XVI, que nasceu a primeira manifestação sincrética da religiosidade banto/católica no Brasil: o CALUNDU. Seu nome foi originado da palavra banto Kilundu, que até o século XVIII foi utilizada para designar genericamente a manifestação de práticas africanas relacionadas a danças e cantos coletivos, acompanhadas por instrumentos de percussão, nas quais ocorria a invocação e incorporação de espíritos e a adivinhação e curas por meio de rituais de magia.²³

Acontecia muitas vezes a fuga desses escravos que vinham da África, quando eles conseguiam fugir da fazenda, encontravam abrigo geralmente em aldeias indígenas, foi aí onde aconteceu a mistura dessas religiões. Os índios que já havia absorvido o catolicismo trazido pelos portugueses, e os negros com suas crenças. Mesmo antes da abolição da escravatura no dia 13 de maio de 1888, existia um grande número de escravos, e escravos alforriados nos centros urbanos, nos engenhos e nas fazendas, e o contato desses escravos com nativos da terra e com os brancos colonizadores, fez com que não só absorvesse a cultura dos mesmos, como também transmitissem a cultura africana. E o crescimento dos centros urbanos proporcionou ainda mais miscigenação dessas culturas:

Ao longo dos séculos XVII e XVIII cresce consideravelmente o número de cidades em todo o país, devido a esse fato, surge uma situação completamente nova em todo o território colonial: o aumento do número de negros e mulatos alforriados, livres, e de escravos circulando com relativa liberdade nessas áreas urbanas.²⁴

Segundo a citação acima o número de negros e escravos alforriado cresceu por todo o território da colônia. Esse crescimento faz com que as crenças e religiões e toda

²³ Disponível em: < <http://estudodaumbanda.wordpress.com/2009/02/20/4-sincretismo-religioso-e-suas-origens-no-brasil-parte-2/> > Acessado em: 22/04/201

²⁴ Disponível em: < <http://estudodaumbanda.wordpress.com/2009/02/20/4-sincretismo-religioso-e-suas-origens-no-brasil-parte-2/> > Acessado em: 22/04/2013

cultura que foi trazida pelos escravos, também se expandissem, e essa mistura de religiões foi se tornando frequente no Brasil, apesar de ser proibida pela igreja católica, mas a grande parte da população procurava e frequentava os “terreiros”. E esse “povo” ia à busca de ervas para determinados tipos de doenças, ou até mesmo “trabalhos” para trazer bens materiais ou problemas amorosos. O fato é que existia a procura por parte da população, e esses rituais eram realizados.

Embora também no Brasil existisse uma resistência por parte das autoridades com relação a essas práticas, não havia meios e mecanismo suficiente para impedir que elas acontecessem, a sociedade culta e que se dizia moderna abominava essas práticas religiosas, ou qualquer prática religiosa que não fosse o catolicismo, contudo essas práticas cresceram. E se espalharam ao logo do território brasileiro:

Coube as praticas culturais consideradas populares, percebidas como frutos nefastos de uma miscigenação perigosa e cientificamente condenável, o papel verdadeiramente deletério no esforço de construção de uma sociedade moderna. Se na Europa as “sociedades primitivas” podiam ser objetos de análises geograficamente distantes, no Brasil a convivência com o “primitivo” (o interior) e o “civilizado” (o litoral) tornava no mínimo, incômoda a adoção das teorias europeias sem maiores adaptações.²⁵

Flamarion e Vaifas no seu trabalho bordam a questão da tolerância, o tema de religião e religiosidade, o que diz na citação acima é que diferente da Europa, no Brasil o “primitivo” como se refere os autores está em contato direto com o “civilizado”, pois essas práticas culturais sofreram uma miscigenação. E como de início a Colônia foi conquistada por povos europeus e aos seus nativos foi imposta uma religião, que no caso é a religião católica, houve uma negação por parte da religião católica, reconhecer qualquer outro tipo de prática religiosa.

No que diz respeito às práticas de cura, existia o pensamento contrário da questão ditado pela igreja, pois esta entidade, não admitia de forma nenhuma que houvesse qualquer tipo de prática, seja de cura, de rezas, ou qualquer outra forma de manifestação que fugisse dos padrões do catolicismo. Essa mentalidade gerou uma barreira com relação ao pensamento das pessoas, ou de certa forma influenciou o

²⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História, Ensaios de Teoria e Metodologia**. Cap. 15, p. 346 Rio de Janeiro, Ed, Elseiver 1997-19º tiragem

pensamento da sociedade, pois mesmo sem ter o devido conhecimento, abominavam essas práticas porque a igreja católica dizia ser satânica, ou não ser coisa de Deus.

Mesmo com todas as restrições da igreja, a cultura popular absorveu essas práticas, em todas as esferas culturais. Essa cultura está presente até nos dias atuais, seja nas festas, na culinária, nas expressões populares, ou até mesmo nos cultos religiosos como missas, e até mesmo novenas que são realizadas não pelo pároco, mais por alguém da comunidade, geralmente uma pessoa com mais idade ou mais instrução educacional.

E essa cultura perdura por séculos e séculos, seus conhecimentos e saberes passam de geração para geração, os seus mitos, suas crenças, sua fé, foram transmitidas para seus descendentes através da oralidade. Histórias eram contadas, sobre seus antepassados, como vieram, como foram massacrados, como foram escravizados, como foram expostos a uma cultura totalmente adversa a sua e como se cuidavam contra os males do corpo e da alma.

A oralidade ajuda a manter viva toda uma tradição, a não deixar se perder no tempo aquilo que não pode deixar escrito, a cultura de um povo que pouco tem conhecimento sobre as letras:

O termo 'história oral' é novo, assim como o gravador de fita, e tem implicações radicais para o futuro. Mas isto não significa que ela não tenha um passado. De fato, a história oral é tão antiga como a própria história. Ela foi à primeira modalidade de história.²⁶

Existe uma forte tradição, com relação aos saberes e aos ensinamentos, que foram e são repassados através da oralidade. Dessa forma a história não fica perdida ao logo do tempo, a história oral ajuda a resgatar o que ficou, ou ficaria perdido no tempo.

No que diz respeito às rezas existe toda uma simbologia, em torno das mesmas, e esses saberes não são repassados para qualquer pessoa, o indivíduo deve ser escolhido por Deus. *Ele tem que ter o dom, e muita fé.* E é isso que faz com que as pessoas procurem os rezadores, para se curarem, a fé, os indivíduos têm fé que realmente vão

²⁶ FREITAS, Sonia Maria de: **História Oral Possibilidade e Procedimentos**. p. 27. Imprensa Oficial SP. Novembro 2002.

ficar bons do mal que estão sofrendo, seja com a reza, seja com a erva que o rezador passou para que se possa preparar os chás.

Quando nos interessamos pelo estudo dos rezadores de Umari - CE o contato inicial e as primeiras informações já nos fez pensar em trabalhar a década de 1970, como recorte temporal da pesquisa, constante a referência e memória desse tempo como tempo de muita procura por rezadores e tempos de uma carência muito grande na região de Umari-CE e no Nordeste como um todo, de médicos e hospitais e dentre outras políticas sociais.

Eram também períodos de grandes secas que assolavam a região, tornando as condições de vida do homem sertanejo, do povo nordestino, mais difíceis. Sem condições de frequentarem hospitais e sem acesso a médicos, o único meio era recorrer a esses rezadores, tanto para tentar sanar os problemas com relação às doenças. Também os animais sofriam com as altas temperaturas da região, e a falta de profissionais capacitados para curá-los quando doentes e para ajuda-los também recorriam seus donos aos rezadores e benzedores.

CAPÍTULO II

1970 TEMPOS DE REZADORES: TEMPOS DIFÍCEIS.

A memória coletiva e a historiografia sobre a década de 1970 registra que esse foi um período difícil para todo o País, como também foi difícil para a região Nordeste. Em meio a um governo ditatorial, enfrentava-se grandes estiagens, com altos índices de desnutrição, fome, adoecimento da população e mortalidade principalmente infantil. Esse foi um período difícil, agravado pelo fato de que o acesso à saúde era quase nenhum nas regiões mais afastadas das capitais, nas médias e pequenas cidades e em toda extensão rural, a única saída para a população mais carente quando precisada de algum socorro para suas enfermidades era recorrer às chamadas práticas de curas populares.

Com a falta de políticas públicas, o que restava às pessoas mais pobres era a fé, fé nas rezas nos chás, nas compressas, a fé era o único meio que fazia essas pessoas superarem tantas dificuldades. Com a crise em que o país estava instalado, com a falta de recursos destinados ao combate aos problemas e com a falta de políticas públicas eficazes para solucioná-los, a figura do rezador se destaca. O que procuraremos mostrar no decorrer deste capítulo é o quadro social e econômico no qual o País estava inserido em meados dos anos 1970. Mas essa realidade de pobreza ficava silenciada pelo discurso político e econômico do período.

2.1 1970 NO BRASIL, ECONOMIA E SOCIEDADE.

Os anos da década de 1970, não foram só a maravilha conforme o discurso econômico e político do chamado “milagre econômico” e da ascensão do Brasil como anunciava o discurso dos gestores e governo. Ao contrário, o País estava imerso em uma ditadura. Quando o general Emílio Garrastazu Médici, assumiu o poder no ano de 1969, a censura estava institucionalizada no país, como também a tortura de presos políticos era constante. Existia uma grande repressão na época, essa repressão era

imposta pela ditadura que justificava seus métodos em nome da segurança nacional e do desenvolvimento econômico.

Segundo Carvalho, quando o golpe militar aconteceu, a economia brasileira enfrentava uma grande crise, e o País estava sendo mobilizado por movimentos sociais que defendiam reformas políticas e institucionais. As chamadas Reformas de Base. Eram ideais também defendidas por João Goulart²⁷:

O ano de 1963 foi o ponto mais baixo, com o aumento do Produto Interno Bruto de apenas 1,5%. Em termos de *per capita*, era decréscimo. Após o golpe a taxa de crescimento manteve-se baixa até 1967.²⁸

No governo de Médici, o Brasil começou a crescer economicamente, foi o período em que se falou no “milagre”. Porém como chama Carvalho nossa atenção, tratava-se de um crescimento setorial que não atingia a maioria da população. Os militares estavam associados aos interesses da burguesia tanto nacional quanto internacional, eram incentivados pelo respaldo norte americano, que justificaram o golpe com “a defesa da ordem e das instituições contra o perigo comunista” segundo Carvalho²⁹.

O termo “milagre econômico” foi dado pela imprensa nacional e internacional para se referir ao rápido crescimento na economia brasileira. As empresas multinacionais consideravam o Brasil como uma área segura e rentável e com uma base industrial sólida. Com base nesse contexto a ocupação no setor industrial cresceu:

Houve, ainda, mudança nos tipos de emprego. A ocupação no setor primário da economia (agricultura, pecuária, mineração) caiu 54% do total em 1960 para 30% em 1980. A ocupação no secundário (indústria) cresceu de 13% para 24% no mesmo período, e o terciário (transporte, serviços, administração) cresceu de 33% para 46%. Isso quer dizer que paralelamente a migração para as cidades houve um deslocamento maciço de pessoas do primário para o secundário e para o terciário. Dadas as condições de trabalhos sensação de melhoria de vida.³⁰

²⁷Mais conhecido como “Jango” presidiu o Brasil de 1961 a 1964.

²⁸CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Pág. 167,167.

²⁹CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

³⁰CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Pg170.

A indústria de bens de consumo duráveis estava em expansão, e com isso algumas das cidades beneficiadas estavam apontando crescimento do mercado interno da área da construção civil, em estradas e hidrelétricas. Na citação acima Carvalho demonstra claramente o salto nas áreas de trabalho, e deixa implícita a migração da zona rural para a zona urbana, segundo a diminuição do setor primário e o aumento dos setores secundário e terciário.

Segundo a pesquisa de Carvalho em 1971 durante o governo de Médici foi criado para o atendimento da população do campo Fundo de Assistência Rural (FUNRURAL), esse plano fazia com que os trabalhadores rurais fossem incluídos na previdência, assim os trabalhadores rurais ponderam ter direito a aposentadoria, apesar de serem pagos baixos salários nas áreas rurais.

Apesar do crescimento setorial e pontual ter acontecido mediante medidas do chamado “milagre econômico”, e o governo ter implantando alguns benefícios como o FUNRURAL em contra partida outros indicadores de problemas sociais se tornavam maiores, também eram muito altos, como uma imensa massa de trabalhadores da cidade e do campo em que mais da metade desses trabalhadores recebiam menos de um salário mínimo, havia uma alta taxa de desnutrição, como também um alto índice de mortalidade infantil, e nesses números o Brasil estava entre os primeiros do mundo, a riqueza estava concentrada nas mãos de poucos, a desigualdade social era evidente.

Segundo Carvalho “em 1973 tinha acontecido o primeiro choque do petróleo”³¹ a crise do petróleo veio desestabilizar o país, e os Estados Unidos da América estavam perdendo espaço para os países mais desenvolvidos como Japão e Alemanha e isso afetava o Brasil diretamente, pois o país estava em uma grande expansão capitalista apoiada justamente pelos E.U.A. A crise veio afundar o “milagre”.

Na metade dos anos de 1970 as taxas de crescimento econômico começaram a cair:

Mas, uma vez desaparecido o “milagre”, quando a taxa de crescimento começou a decrescer, por volta de 1975, o crédito do regime esgotou-se rapidamente. A classe média inquietou-se e começou a engrossar os votos da oposição. Os operários urbanos retomaram sua luta por salários e maior

³¹CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Pág. 74.

autonomia. Os trabalhadores rurais foram os únicos a permanecer governistas.³²

Segundo Carvalho a crise começou a se instalar no país, e esse momento de ascensão pelo qual o país tinha vivido por anos, começava a tomar outro rumo, com a crise, entrara em declínio.

2.2 1970, NO CENÁRIO NORDESTINO, TEMPO MUITO MAIS DIFÍCIL.

Mesmo com o “milagre econômico” a brecha da desigualdade não para de aumentar: “após 1968 registra-se, a ampliação da defasagem que separa o nível de atividade econômica do Nordeste da Nacional, medido através da comparação dos índices do Produto Interno Bruto Real da Região e do Brasil” (MINTER/SUDENE, 1982:26)³³

Segundo o estudo de Nilvanda Aparecida Campos, o “milagre econômico” não foi um milagre para todo o Brasil, o Nordeste não “cresce” como o restante do país. Para tentar amenizar a situação dos nordestinos o governo federal tenta implementar e expandir na região Nordeste alguns programas de cunho social:

A criação da SUDENE com a incorporação de novas variáveis para a explicação dos problemas nordestinos representava uma iniciativa concreta na busca de soluções. A seca já não era mais o foco principal e não aparece nem mesmo na sigla do órgão criado, uma visão mais complexa passa a nortear as discussões sobre os problemas nordestinos.³⁴

Contudo depois do golpe, o Nordeste não foi priorizado pelo governo federal segundo Campos, ou seja; depois do golpe militar a SUDENE perdeu autonomia que era necessária para executar os programas, segundo Campos, isso aconteceu tanto no âmbito político, como no econômico.

³²CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Pág. 192.

³³Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/75/65>> Acessado em: 20/04/2016

³⁴Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/75/65>> Acessado em: 20/04/2016

No começo da década de 1970, foram criados os denominados Planos Nacionais de Desenvolvimento, e o Nordeste, em tese também se beneficiaria com esses planos. Nessa época foram criados os programas especiais segundo Campos. Entre esses programas está o Programa de Integração Nacional e o Programa de Redistribuição de Terras e Apoio a Agroindústria Canavieira. Contudo esses programas foram um fracasso. O que contribuiu ainda mais para o agravamento da situação de pobreza dessa região que no mais era permanentemente assolada por estiagens de chuvas e consequente crise de abastecimento de água

A seca torna-se, portanto, um dos problemas constantes que assola a região Nordeste até os dias atuais, o povo nordestino teve que lidar com duras secas que castigaram a região durante anos. Contudo, não podemos considerar a seca o fenômeno da falta de chuva como responsável pelo maior problema existente na região Nordeste e sim o resultado de uma questão maior e problema maior:

O problema do nordeste não é a seca, é a reconfiguração do desenvolvimento brasileiro e como a região está inserida nela. E o segundo ponto: a seca não era a causa do problema do Nordeste, o que era também uma contestação de fundo.³⁵

Celso Furtado diz que ao contrário do que se imagina a seca não é um problema social, mas sim a consequência dos problemas no Nordeste, e a causa segundo ele é a estrutura social, econômica e política que está presente há muito tempo na região. Uma estrutura de concentração da terra e das riquezas nas mãos de uma minoria de proprietários que usaram e exploraram o povo, os sem propriedade, ao seu favor. Inexistência de uma política pública voltada para o povo, para de fato resolver os problemas sociais. Ou se muda as estruturas, ou não se resolve as questões no Nordeste, segundo Furtado. Prova disso é que sucessivas tentativas de planos de emergências criadas para o Nordeste fracassaram sem resolver o problema do povo, do trabalhador do campo esse fato foi constatado por Celso Furtado ainda na década de 1960. Assim como Celso Furtado em períodos e estudo diferente, Durval Muniz de Albuquerque Jr

³⁵ TAVARES, Maria da conceição. **Celso Furtado e o Brasil**. 1º ed. São Paulo: ed. Fundação Perceu Abramo. 2000. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br/publicacoesfpa/wp-content/uploads/2014/12/Celso_Furtado_e_o_Brasil.pdf>
Acessado em: 14/05/2016

trabalha a questão imagética da invenção do Nordeste, Segundo Jr³⁶ a elite agrária, tirou proveito do “discurso da seca” em benefícios próprios, no campo econômico e também no campo político, permanecendo assim por muito tempo no poder. O autor também ressalta que essa elite agrária não estava comprometida em solucionar os problemas que ocorriam no Nordeste, problemas como a fome, desemprego, falta de saneamento, e os altos números de doenças que acometiam a população. As oligarquias usavam o discurso da seca para reivindicar em benefícios próprios, como vemos na citação abaixo:

O Nordeste é a região das oligarquias, porque foi aí que elas conseguiram inventar uma região, em nome da qual falam e reivindicam. Esta região conseguiu funcionar com deficiência, como uma maquinaria imagético-discursiva destinada a evitar a marginalização econômica e a submissão política total desses grupos rurais e tradicionais. O Nordeste conseguiu ser o instrumento de conservação por muito mais tempo, dos mecanismos tradicionais de poder e dominação, e com ele estes grupos minaram qualquer processo mais radical, no sentido da modernidade, seja ela na região, seja no país.³⁷

Durval Muniz de Albuquerque Jr, aborda a invenção do Nordeste como diz “é a região das oligarquias”, e isso fez com que fosse inventada uma região onde os coronéis que faziam parte dessas oligarquias, reivindicassem em favor delas. Esse fato fez com que o Nordeste permanecesse uma região, parada e estagnada, instrumento de conservação por muito tempo, fazendo uso de mecanismos tradicionais de poder e dominação:

A imagem e o texto do Nordeste passam a ser elaborados a partir de uma estratégia que visava denunciar a miséria de suas camadas populares, as injustiças sociais a que estavam submetidas e, ao mesmo tempo, resgatar as práticas e discursos de revolta popular ocorridos neste espaço.³⁸

Essas estratégias citadas à cima, que visava denunciar a miséria nas camadas populares, nem sempre aconteciam, essa denúncia não era feita. Albuquerque Jr diz que

³⁶ Albuquerque, D. M. JR. **A invenção do Nordeste e Outras Falas**. Recife-PE, Editora Massagana, 1999.

³⁷ Albuquerque, D. M. JR. **A invenção do Nordeste e Outras Falas**. Recife-PE, Editora Massagana, 1999. Pág. 129

³⁸ Albuquerque, D. M. JR. **A invenção do Nordeste e Outras Falas**. Recife-PE, Editora Massagana, 1999. Pág. 184

o Nordeste é uma região de permanente carência. O fator responsável por isso ele também diz:

Quanto mais os golpes de Estado, as ditaduras, as conciliações dos vencedores nos prometem salvar a nação e a região, mais a carência de nação e a carência da região parecem se agravar.³⁹

Com base no que foi analisado sobre a obra de Durval Muniz de Albuquerque Jr, podemos enfatizar que o problema com as questões sociais que envolvem o Nordeste, não se dá só pelo fator climático, da seca. Existe toda uma trama e relação de poder que envolve a elite da região, uma elite agrária, que usa e busca nas soluções apresentadas o benefício próprio. Por décadas o campo e as pequenas cidades do Nordeste ficam paradas no tempo, sem nenhum desenvolvimento, com moradores reféns dessa elite, a fome que assombrava muitas famílias:

O discurso da seca traçando “quadros de horrores”, vai ser um dos responsáveis pela progressiva unificação dos interesses regionais e um detonador de práticas políticas e econômicas que envolve todos “os Estados sujeitos a esse fenômeno climático”.⁴⁰

Ou seja; segundo Albuquerque Jr, esse discurso que de “quadros de horrores” que é responsável pelas práticas políticas e econômicas, no qual está descrito a cima, está ligada a seca, que no discurso imagético segundo Albuquerque Jr, descreve um quadro de “misérias e horrores do flagelo”⁴¹. Contudo segundo o estudioso, o problema que o Nordeste enfrenta, não é com a seca e sim com a falta de políticas voltadas para resolver os problemas sociais. Assim criada essa imagem da seca, fica justificado todos os problemas dessa região, a culpa da “miséria” no Nordeste é da seca.

Na obra de Celso Furtado, ele também faz essa constatação. Os problemas que o Nordeste enfrentava não tinham como motivo principal a seca, problemas como a fome, miséria a falta de condições mínimas para sobreviver, Para ele o “o problema social das secas, é consequência dos problemas do Nordeste”, e a causa desse problema é a

³⁹ Albuquerque, D. M. JR. **A invenção do Nordeste e Outras Falas**. Recife-PE, Editora Massagana, 1999. Pág. 310

⁴⁰ Albuquerque, D. M. JR. **A invenção do Nordeste e Outras Falas**. Recife-PE, Editora Massagana, 1999. Pág. 59

⁴¹ Albuquerque, D. M. JR. **A invenção do Nordeste e Outras Falas**. Recife-PE, Editora Massagana, 1999. Pág. 59

estrutura socioeconômica e política montada há séculos, sendo assim segundo Furtado o atraso no Nordeste se dá na sua formação histórica.

O que se pode entender sobre essa situação e sobre esse problema social e político questionado por estudiosos de ontem como Celso Furtado e de hoje como Durval Muniz é que a região Nordeste, enfrentou e vivenciou ao longo das décadas muitas crises, e principalmente, foi explorada e sofreu as consequências do desmando no que se diz respeito à condução pelas elites das políticas públicas para região. Essa situação nos informa os relatos e depoimentos dos moradores de Umari - CE.

2.3 MODOS DE SOBREVIVER: UMARI EM MEADOS DA DÉCADA DE 1970.

Como em muitas outras regiões do Nordeste, a cidade de Umari - CE Micro Região centro sul cearense, também enfrentava diversos problemas com a seca e suas consequências assim como em função do desmando e exploração dos recursos mínimos de assistência social. O sustento e sobrevivência da maioria absoluta das famílias desse município provinham basicamente da agricultura.

É importante aqui reforçamos e justificamos a discussão sobre uma realidade de pobreza e miséria a que estava submetida à maioria da população do Brasil e do Nordeste em particular e que apresentamos aqui, pois o agravamento da crise social no Brasil que se verifica coincide com o período que delimitamos, os anos de 1970 como o tempo do nosso estudo sobre os rezadores de Umari - CE, em função do que os seus moradores em conversas preliminares nos diziam sobre esse período como de muita procura pelos rezadores. Assim iniciamos uma busca sobre a questão econômica particular do município de Umari - CE nessa década 1970, dados econômicos ou referências de estudos que nos levasse a composição de um quadro dessa realidade. Essa busca nos revelou a ausência de estudos ou documentos com os quais pudéssemos no momento nos guiar. Assim, a partir dessa realidade buscamos informações a partir de depoimentos colhidos com alguns de seus moradores antigos e assim compusemos um quadro inicial dessa realidade de dificuldade que vivenciaram nesse período.

Quando questionado sobre as condições que sua família vivia na década de 1970 o senhor José Leonel Sobrinho, mais conhecido como Zé Bitu, que nasceu e se criou no sítio logradouro município da referida cidade, disse:

Ia passano pricisão só ganhava... só tinha alguma coisa quando eu ia ganhar, dar o sustento, todo mundo naquele tempo passava pricisão é pra criar meus filho eu tinha que ganhar. Minha fonte de renda era era eu quando queria um um dinheiro eu ia trabalhar porque eu num tinha fonte de renda de fazer só tinha meus braço mesmo, eu trabaiava na roça pra fazer o sustento, pra mim comer milho, feijão arroz.⁴²

O relato do senhor José Leonel, é o retrato de como vivia a maior parte das famílias daquele município, trabalhava muitas vezes de renda com os donos de terra, ou seja; quando um agricultor trabalha por renda quer dizer que a cada saco de milho ou feijão ou qualquer outro grão que ele tire, a cada três sacos dois vão para o dono da terra e um para a pessoa que está arrendando, ou vice versa dependendo do acordo que ambos tenham feito, levando em conta os anos de fartura, anos que as chuvas sejam boas. Na entrevista, José Leonel diz que plantava nas terras de Luiz de Pedro, que foi quem o ajudou durante muito tempo:

Ai nesse período com Luiz de Pedro mermo eu comecei trabalhando e adquiri a trabalhar de predero eu trabaiei de predero eu trabaiei bem uns trita ano de predero ou mais e aprendi lá trabalhano com ele lá porque Luiz era uma pessoa que botava a fazer tudo no mundo mermo que num subesse mais se butá eu tava no mei e aprendi a sentar tijolo levantar casa, levantei muita casa.⁴³

Como o entrevistado cita, ele busca uma fonte de renda alternativa, e isso acontece como muitos sertanejos, muitos migraram para o Sul em busca de melhores condições de vida, e os que ficam levam uma vida muito humilde. Os que ficaram tiveram como meio de sobrevivência a vida difícil nas obras de assistência.

As frentes de emergências existentes na década de 1970, já existe há muitos anos, segundo a pesquisa de Ferreira (1973 p.55), o governo federal começou o combate

⁴²Entrevista feita com José Leonel Sobrinho, que reside no sítio Logradouro, município de Umari - CE

⁴³Entrevista feita com José Leonel Sobrinho, que reside no sítio Logradouro, município de Umari - CE.

contra as secas no Nordeste que aconteceu a partir da seca de (1903/1904), contudo por questões de “restauração das finanças” não foram atendidas algumas reivindicações.⁴⁴

Segundo Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, quando Campos Sales se tornou presidente (1903/1906), ele criou três comissões para tratar do problema das secas no Nordeste de forma permanente, que foram “Açude e irrigação, com sede no Ceará; de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas; e de Perfuração de Poços, ambas com sede no Rio Grande do Norte”.⁴⁵

Em Umari - CE também tinham essas frentes de emergências. Quando indagado sobre essas frentes de serviços José Leonel respondeu assim:

Era cavano terra, carregano carro de mão butano no aterro, fazendo estrada pra fazer... frente de serviço pra fazer. [...] Aparecia gente caçano gente pra fazer uma turma, caçar um feitô pra fazer uma turma, feitô era qualque uma pessoa que tivesse um saber pra desenvolver o cargo, ai fazia vinte e quatro pessoa ou vinte ai fazia aquela turma e ia lá se alistra tudim ia trabalha.⁴⁶

Essas frentes de emergência também fazia parte da renda de muitas famílias da região de Umari - CE, tendo em vista que na cidade não tinha nenhuma fábrica, o comercio não era o forte, pois a circulação de dinheiro era baixa, e a maioria das famílias vivia como a de José Leonel. O comercio era pequeno existia algumas vendas, que as pessoas chamavam de bodegas, onde se vendia alguns cereais como arroz, feijão, milho, o que continua até os dias atuais. A maioria das compras se fazia no dia de quinta feira, quando alguns comerciantes ambulantes, armam suas barracas no meio da rua para negociar seus produtos, roupas, tecidos, sandálias, algumas pessoas vendiam animais, frutas e legumes na feira mesmo, no meio da rua. Não tinha hospitais, médicos e para ter acesso a remédios farmacológicos, as pessoas tinham que se deslocar para cidades vizinhas.

Quando essas frentes de emergências não chegavam na região de Umari - CE, os homens tinham que se deslocar para outras cidades para conseguir algum emprego, como é relatado na citação abaixo:

⁴⁴ FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca:** o caso da Paraíba. João Pessoa, editora Universitária/UEPB, 1993. Pág. 75.

⁴⁵ FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca:** o caso da Paraíba. João Pessoa, editora Universitária/UEPB, 1993. Pág. 75.

⁴⁶Entrevista feita com José Leonel Sobrinho, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

[...]quando não vinha os prefeito não se interessava o caba tinha que desloca pra um ôto lugar pro ôto município de Baixio, pro Icó, pra Paraíba, nois ainda se empreguemo em cinquenta e oito em Antenôr Navarro, foi uma turma daqui se apre... o premeiro alitramento que nois fizemo foi uma turma que era até de Cormo Quarerma nera? Cormo véi juntou aqui vinte e quatro pessoa e levou e nois se impreguemo lá em Antenor Navarro, naquela estrada que vai de Antenor pra... pra... Brejo das Frêra pra Irauna, ai nois trabaimo uma sumana quando cheguemo, viemo pra casa ai quando cheguemo aqui foi no sábado quando foi no domingo, a gente tava pronto as coisa tava tudo pronta pra ir, na seguda feira bem ce... não no domingo que era durmir lá nera? Que era na segunda feira pra ta lá ai chegou um caba aqui, foi até Lorival que trouxe ele, padim, eu era padim dele, num vá pra Antenor não, eu tô fazendo uma turma e vou butar o senhor no mêi dessa turma, ai nois fumo e se empreguemo ali no açude novo.⁴⁷

Pela fala de José Leonel, podemos entender o que Celso Furtado quer nos dizer quando ele afirma que o problema do Nordeste é a estrutura social, politica e econômica. Ou seja; o entrevistado afirma que teve que se deslocar para outros estados muitos quilômetros de distância de casa, para poder trabalhar e dar sustento a sua família, e passar apenas um dia em casa, isso porque na sua cidade o prefeito não se interessava em trazer o programa social para a cidade, segundo o entrevistado.

Também podemos perceber na pesquisa de Lúcia de Fátima Guerra Ferreira a seguinte problemática:

A divulgação da má aplicação dos socorros públicos, dos desvios de verbas e do direcionamento de certas obras sempre em benefício de uma minoria, ou em outras palavras, a atuação dos industriais da seca, serviu de tema para debates tanto no parlamento Imperial como no Congresso Nacional.⁴⁸

Esse problema com a administração dos recursos públicos vem de longa data, como diz na citação à cima, existia uma má aplicação do dinheiro nos “socorros” públicos, em algumas obras uma minoria era beneficiada, essas práticas de benefício a uma minoria tornou-se frequente.

⁴⁷Entrevista feita com José Leonel Sobrinho, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

⁴⁸ FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba.** João Pessoa, editora Universitária/UFPB, 1993. Pág.

Assim como estamos acompanhando, juntando esses problemas de dificuldades de vida e sobrevivência apontados, mais a seca, vemos agravantes sérios na vida dessas famílias:

[...]a renda meu pai não tinha devido a seca que devorava muito abrangia o nosso sertão e ele tinha dificuldade para criar a família, portanto meu pai aparecia apareceu na década de setenta, apareceu uma grande seca, apareceu uma frente de serviço do governo federal dai foi preciso meu pai se deslocar de casa pra ir trabalhar pra vê se conseguia alimentação, sobrevivência pros filhos, dai minha mãe tinha ficado e casa e teve um filho na década de setenta e foi muito difícil nossa situação porque meu pai vinha em casa nos final de semana e ela ficava com aquelas crianças, aquela dificuldade, lata d'água na cabeça no tempo da lamparina, casa de taipo e pra sobrar alimentação , quanto a alimentação a gente passava necessidade.⁴⁹

Segundo a fala da entrevistada Maria Verônica Moreira de Menezes, residente em Umari - CE, existia uma grande precariedade na época, ela fala sobre a seca da década de 1970, que segundo relatos foi uma grande seca na região, e o cotidiano da família, pode ser descrito como o cotidiano de muitas famílias umarienses, lata d'água na cabeça, casa de taipo, sem energia elétrica e fome, essa é a realidade de muitas famílias sertanejas.

Os anos de 1970 foram anos difíceis, principalmente o ano de 1970, pois a seca de 1970 castigou muito a região de Umari. Vejamos o que o entrevistado tem a falar sobre esse ano:

A maior que houve, pra mim que eu me aperriei munto foi em setenta, foi em setenta num foi, que eu num me impreguei fui lá pro Cachaço⁵⁰, bem umas oito veiz, eu Zé de Tico, Joaquim, tem uma... um... bocado de gente daqui que num conseguia se impregá, ai nois fumo desvanicemo fumo trabaiá mum açude de Zé Monteiro aqui no Alegre⁵¹, cavano pedra butano nos caça... caxão véi carregano no jumento e butano nas parede do açude, nois só aguentemo duas sumana ai disistimo porque estorou ar mão cavano peda no sacrificio maió do mundo, xerem de peda num é nem barro, pra butá na parede do açude nois só aguentemo duas sumana. Ai eu num sei de que é que eu fui trabaiá não, eu sei que... setenta eu num me impreguei não, sofri como

⁴⁹Entrevista feita com: Maria Verônica Moreira de Menezes, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

⁵⁰Cachaço é um sitio, da região de Umari - CE que fica muito distante de onde o entrevistado reside.

⁵¹Sítio vizinho ao logradouro, sitio onde o entrevistado reside.

o djabo, agora foi munta gente se impregô , mais eu num consegui me impregá não.⁵²

Segundo José Leonel, a seca em 1970 foi muito ruim porque ele não conseguiu um emprego, teve que se deslocar para um lugar distante para poder trabalhar, isso em condições precárias, onde não só o entrevistado como também as demais pessoas que ele cita enfrentaram tantas dificuldades e a seca foi mais um agravante para a situação:

[...]nos finais de semana meu pai chegava e trazia aquele alimento, aquele feijão preto, aquele arroz, aquela coisa, aquela rapadura e nós ia passando o tempo com isso ai na década de setenta veio o ano de setenta e um, setenta e dois, setenta e três a gente foi crescendo, as coisas foram evoluindo já teve uma frente de inverno e foi modificando as coisas porque meu pai já ficava em casa, já ajudava na criação com a gente mas isso foi um tempo muito difícil viu.⁵³

É possível entender as condições sociais que as famílias da região de Umari - CE, entender o que essas famílias passavam na década de 1970, como relata a entrevistada Maria Verônica Moreira de Menezes na citação a cima, o alimento que tinha para comer era feijão preto, arroz, rapadura, alimentos que são básicos, que por si só não fornecem os nutrientes necessários, o que causava o quadro de desnutrição, pois não tinha acesso a frutas, legumes, raramente tinha acesso ao leite, carne. Esse era o quadro de muitas famílias no Nordeste, e em Umari - CE, não foi diferente. Nesses mesmos anos, 1970, houve mudanças no sul do país com o “milagre econômico”, o aquecimento da indústria em algumas cidades, e nas cidades pequenas como em Umari - CE, acontecendo desemprego, fome, seca. São cenários diferentes em um mesmo território nacional.

2.4 A SAÚDE EM MEADOS DOS ANOS 1970 EM UMARI-CE.

O Sistema único de Saúde (SUS) foi criado em 1988. Contudo antes da criação do SUS, outros órgãos foram criados com a intenção e dizendo-se para atender as necessidades no que se diz respeito a saúde. Em 1930 durante o governo de Getúlio

⁵²Entrevista feita com José Leonel Sobrinho, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

⁵³Entrevista feita com: Maria Verônica Moreira de Menezes, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

Vargas foi criado o MESP, Ministério da Educação e Saúde Pública, foi criado também os IAPs, Instituto de Aposentadorias e Pensões, já na década de 1940 foi criado o SESP, Serviço Especial de Saúde Pública. Contudo, mesmo depois de todos esses órgãos criados, o sistema de saúde brasileiro enfrentava várias crises por ser mal distribuído, descoordenado, inadequado, ineficiente e ineficaz, segundo o artigo apresentado por Rafael da Cruz Sousa e Francisco Eduardo Bastos Btista, no Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação.⁵⁴

Com a região de Umari - CE não era diferente, o campo da saúde na década de 1970 deixava muito a desejar, conforme podemos acompanhar pelos relatos coletados em entrevistas com seus moradores, não tinha hospitais, postos de saúde, muito menos médicos naquele município:

Ê naquela época era muito difícil não existia a medicina por aqui era muito difícil, tinha, mas se fosse um caso de urgência precisava tirar pra fora. O hospital mais próximo que existia era Ipaumirim, não tinha por aqui Umari, Baixio não tinha, ou Icó e como a gente era muito pobre era muito difícil e o que meus pais faziam se apegavam mais pra cura, pra reza, pras benzedeadas, por exemplo um vomito, uma diarreia, uma dor que a criança sentia a fé era muito grande como ainda hoje existe ai levava a gente, se deslocava de casa ia pros sítios vizinhos procurava aqueles que na época tinha muito, nos sítios vizinhos tinha muito ai levava aquela criança e benzia lá.⁵⁵

No relato acima a entrevistada afirma que não existia acompanhamento médico para a população em meados dos anos 1970, as pessoas tinham que se deslocar para lugares mais distantes, levando em consideração as condições financeiras das famílias umarienses, eles não tinham como retirar seus parentes para um lugar distante o que lhes restava era buscar a ajuda mais próxima.

Em uma situação dessa o rezador entra com esse papel, ele é procurado para que sua reza possa trazer a cura para as pessoas, na falta de médicos e hospitais, essas pessoas simples e humildes sem ter a quem recorrer, talvez por falta de políticas públicas adequadas a saúde, recorrem a esses homens e mulheres sábios, carregados de crenças a saberes, para a cura desses males ou doenças a que estão submetidos.

⁵⁴Disponível em: < <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/2842/1827>>
Acessado em:14/05/2016

⁵⁵Entrevista feita com: Maria Verônica Moreira de Menezes, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

Na entrevista de José Leonel, nos conta sobre histórias de rezadores e/ou farmacêuticos a quem ele também chama de “farmacete”, ele mesmo compreende e ressalta essas pessoas não têm estudo para exercer a medicina mais ele acredita muito no papel que eles desempenham. Quando questionado sobre a presença de serviços médicos ele narra a dificuldade para encontrar um médico:

Tinha, mais médico só tinha em Cajazeiras, Doutor Zé Danta em Antenor, ai a gente se pegava com esse povo assim, que nem Zé brinco, Xavier de Joaquim gavião que era igual a um médico, ai... Parnaíba, Cormo Frazo.⁵⁶

A dificuldade de ir a um médico nos anos de 1970 a até antes, era grande, Cajazeiras fica a uns 60 km de distância de Umari - CE que faz divisa com Paraíba, conseguir um transporte apropriado para uma pessoa doente era muito difícil. Os rezadores, as rezadeiras, que faziam parte do cotidiano daquela comunidade como o entrevistado cita a cima Zé brinco, Xavier de Joaquim Gavião, Parnaíba, Cormo Frazo, como o entrevistado mesmo cita, eram, farmacêuticos e rezadores da região na década de 1970, com sua fé, sua reza, suas ervas, era a única saída para se resolver a questão das doenças da maioria da população carente de assistência médica.

Para alguns poucos poderia restar o prestígio e ajuda dos farmacêuticos como diz o relato abaixo:

Passava medicamento que nem os médico passa, ele passava, levei essa dai muntas veis pra Parnaíba ela se acabano e morreno ele trabaiva no Triunfo e tinha uma besteira de querer me levar mais ele, ela ia se receitar e ele ficava ali em João de Mané Lito tinha uma casa ali casa veia de taipa nesse tempo ela esperava ele ali mais eu quando ele ia passano ele receitava ela, dizia Maria⁵⁷ você num tem nada, você ta com uma... com uma... um tipo nervoso muito forte né depressão não né, você incute as coisa você num tem nada em coração, o negocio dela é que ela era doente do coração e ela num aquereditava no que ele dizia mais era o que ele dizia num tinha nada não, ai me levava pra Triunfo, trabaiva até duas hora, uma ou duas hora, ai nois vinha simbora mais toda vida ele... duas ou três veis ele passava ali e me levava mais ele, ele era que ajudava a classe pobe que num tinha nada, num tinha condições de se tratar e de ir pra canto nenhum, as veis uma doença que não era grave mais se tornava por que a pessoa não tinha com que, e procurava esse povo era Cormo Frazo era Parnaíba era esses farmacete

⁵⁶Entrevista feita com José Leonel Sobrinho, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

⁵⁷Na fala, o senhor José Leonel Sobrinho, está se referindo a sua esposa.

entendido era assim num tinha formatura mais tinha saber intiligênça e rezava.⁵⁸

Pela fala de José Leonel o farmacêutico não tinha formatura, mas era inteligente e também homem de fé o que para eles era importante, mas, isso era possível quando da ida da pessoa doente à cidade. Aqui é nítida a fé e a crença depositada nessas pessoas, ele saía de sua casa e ia ao encontro farmacêutico que também era rezador com sua mulher, ficava esperando em uma casinha de taipa e às vezes o “farmacete”, como ele se refere, que também era rezador, receitava sua esposa ali mesmo.

O farmacêutico ajudava a classe mais pobre, e muitas vezes esse era o único tratamento que essas pessoas recebiam, e por vezes como o próprio entrevistado fala, o quadro das doenças evoluíam, pois as pessoas não recebiam o tratamento adequado.

Já em outros casos, nem esses rezadores e/ou farmacêuticos, podiam impedir a evolução do quadro de doenças, e por falta de cuidados médicos apropriados algumas crianças acabavam morrendo, é o que o relato da entrevistada Maria Verônica afirma a baixo:

Tinha criança que saia quase desmaiada e a fé criava e curava, outros casos não, outros casos que eram mais, como tinha naquele tempo, morria muita criança que vinha as diarreias no mês de maio, já dizia o mês dos anjos e todas as mães já tinha medo porque era o mês dos anjos porque vinha aquela diarreia, vômito aquela coisa toda e desidratava as criança ai quando tava ai tinha que apelar e correr, muitas vezes os transportes naquele tempo era animal viu, levava até Baixio, até Ipaumirim com aquela criança botava a criança, o pai montava com a criança e a mãe acompanhava e ia e olha que é longe em, mas na minha família já teve desse casos.⁵⁹

As palavras da entrevistada Maria Verônica condizem com a realidade da época, por falta de assistência muitas crianças vinham a óbito, e a falta de saneamento, de postos de saúde de toda uma estrutura para dar melhores condições de vida para a população, contribuiu com esse quadro.

É nesse contexto econômico, político e social que a figura do rezador se destaca, a falta de médicos, hospitais, as fortes crenças do povo sertanejo, a fé e a oração desses

⁵⁸Entrevista feita com José Leonel Sobrinho, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

⁵⁹Entrevista feita com: Maria Verônica Moreira de Menezes, que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE

homens e mulheres que trazem consigo, saberes e dizeres e toda uma tradição, toda uma cultura diversificada, toda uma crença, tudo isso faz a figura do rezador se destacar nessa época, com seus ensinamentos e com seus procedimentos como compressas chás e garrafadas, remédios ou meisinhas como chamam, que sem dúvida traziam um alento para as pessoas desfavorecidas e exploradas.

O que vimos até agora foram as questões sociais e econômicas, e os problemas que as pessoas da região de Umari - CE, enfrentava desde antes e que se agravaram na década de 1970. Vimos também como os rezadores eram procurados devido à falta de atendimento médico naquela região, e a fé que o povo deposita na reza deles, como fica clara em algumas falas, como a de José Leonel. A maneira que esses rezadores fazem para rezar e curar, como eles são procurados, por quem são procurados, e como eles se reconhecem serão trabalhadas no próximo capítulo.

CAPITULO III

A REZA COMO UM OFÍCIO: PRÁTICAS DE REZADORES E REZADEIRAS DE UMARI-CE

3.1 A REZA COMO UM DOM.

Neste capítulo vamos apresentar as práticas de curas realizadas por rezadeiras e rezadores de Umari Estado do Ceará a exemplo do senhor Celso José de Andrade, de setenta e nove anos, rezador da região, mais conhecido por “seu Celso”⁶⁰. O mesmo reside no distrito do logradouro, localidade, onde nasceu e se criou. Homem do campo também trabalhou na área da construção civil, mas como ele mesmo se define é agricultor, e também rezador naquela região. Através de entrevistas realizadas com esse rezador, procuramos desvendar os elementos e as razões consideradas por ele para ter se tornado um rezador. Como mostraremos a seguir questões que outros estudos sobre rezadores já colocaram e cujas respostas se assemelham. Vejamos relatos de um estudo desses:

[...] a tarefa de rezar é considerada um privilégio e um compromisso, primeiro porque as rezadeiras percebem que a sua atuação é um dom divino, muitas afirmam “É Deus quem cura, a pessoa deve ter fé na reza”, e se preocupam sempre em agradecer esse privilégio que receberam.⁶¹

O que Carla Rodrigues Theotonio afirma na citação acima sobre a reza ser considerada pelas rezadeiras como um privilégio, e que as rezadeiras tem consciência que essa reza é um dom dado por Deus, pois é a fé em Deus primeiramente que de fato vai curar as enfermidades a qual estão acometidas é dito por outros rezadores em diferentes contextos como exemplifica a fala do rezador:

...Um dom de Deus foi... Num sabia nem aprendi com ninguém viu, e querem que eu ensine a alguma pessoa mais eu não posso ensinar que eu não aprendi com ninguém, quando eu vou curar uma pessoa minha filha, que... que eu

⁶⁰ Entrevista realizada com Celso José de Andrade, ele reside no sítio Logradouro, município de Umari - CE. Durante a discussão vamos denominar o rezador como “Seu Celso”, que é uma abreviação para Senhor Celso. E é como ele é mais conhecido na região

⁶¹ CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB**. PDF. Campina Grande-PB. 2010. Pg. 36

acho que é meio pesado o incomodo aí eu tenho que recorrer a Deus viu pois é.⁶²

Na sua fala “Seu Celso” rezador de Umari, também afirma ser sua reza um dom dado por Deus já que não houve um ensinamento e por isso ele acredita que não pode passar sua reza para alguém, ele afirma que quando vai “curar” ele recorre a Deus, para que aquele mal seja de fato banido:

Vou falar pra você, mais nem eu sei explicar entendeu ai veio tudo natural, ai foi um dom dado por deus, isso eu posso dizer que foi um dom dado por deus, eu sou uma pessoa que eu não sei ler, ta entendendo não sei nem assinar meu nome todas as orações que eu sei tudo que eu se tudo que eu aprendi foi um dom dado por deus, eu posso dizer isso.⁶³

Outro rezador que remete o fato de rezar a um dom é Valdir Macedo de Lima, mais conhecido como Valdir, também do campo, agricultor, como seu Celso e residente no mesmo município de Umari - CE. Na sua fala ele diz que o que ele tem é um dom dado por Deus, ele julga essa a única maneira de ter “aprendido a rezar”, pois como diz, sendo ele é um analfabeto, não sabendo assinar o nome, o fato de saber rezar nas pessoas é pois uma graça de Deus.

Nota-se que é na fé conforme suas palavras, que o rezador Valdir Macedo afirma seu poder de curar. É necessário que recorra à Deus para que essa cura seja feita. Para essas práticas de reza a fé é muito importante é um elemento fundamental para a crença, pois sem não houver fé a não terá cura:

Isso né um dom de Deus, não é eu não, agora eu fico assim pensando como é uma coisa dessa pois é, ói dói uma junta, você vira um pé aqui, ela vira também, ele ai vem aqui cachigando tem deles que volta sem cachingar mais, só o tempinho que passa aqui eu vou e rezo curo costuro que eu não tenho novelo de fio eu costuro com a palavra de Deus viu, pois é eu não tenho nada viu, tudo meu é mudado viu pois é diferente viu.⁶⁴

A fé na palavra de Deus é o elemento, a condição que esses rezadores usam para essas práticas de cura, da forma como é citado acima, o rezador é um instrumento de Deus para curar as pessoas do mal que as aflige. O rezador de Umari ainda enfatiza,

⁶²Entrevista feita com Celso José de Andrade, mais conhecido como seu Celso.

⁶³Entrevista feita com Valdir Macedo de Lima, rezador da região. De Umari - CE

⁶⁴Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE.

“tudo meu é mudado viu, é diferente viu”, significando dizer que além dos remédios, além dos tratamentos, a reza funciona, basta ter fé, o novelo de linha que o rezador usa para fazer uma sutura, é a palavra de Deus, suas rezas e suas crenças levam à cura. Quando em estudo sobre essa questão, Carla Rodrigues Theotonio diz:

Percebe-se que, as orações oficiais são partes do ritual onde a pessoa que está sendo rezada tem acesso e é inclusive convidada a participar. Esse momento não compõe o sigilo da reza, é partilhado pela rezadeira e pelo rezado, espaço onde se estabelece uma ligação com o universo religioso católico. Além da evocação da proteção divina, funciona como um meio para consolidar a eficácia da reza como fruto de um pedido feito a Deus, muitas vezes pela intercessão de um santo protetor.⁶⁵

Fazendo uma breve análise do que a autora abordou na citação acima, podemos perceber que as orações feitas pelos rezadores se inserem no universo religioso católico, ligado intrinsecamente à vida e ao cotidiano desses rezadores. Desse universo e desse cotidiano fazem parte o culto às imagens de santos, quadros pendurados nas paredes, fitas e velas, orações e preces aos seus santos de devoção, dentre outros objetos que são encontrados nas casas e nos ambientes onde a reza é realizada e que se constituem como elementos importantes na religiosidade e crença popular.

Mauricio Duarte Parnaíba⁶⁶, em estudo sobre os rezadores da região de Santa Helena-PB, que faz divisa com a região estudada neste trabalho a região de Umari-CE, chama atenção para o seguinte fato:

A reza é um instrumento de fé capaz de reestabelecer o equilíbrio do corpo, tornando possível assim à cura, formando assim uma prática curativa no decorrer do ritual. É também, a reza uma prática religiosa, porque são usadas orações que são que fazem parte da religião cristã, do ritual da missa, como Pai nosso, Ave Maria [...]⁶⁷

Como citado acima, exemplo de presença marcante nessas práticas de rezas é o nome de Nossa Senhora que por muitas vezes também é evocado. Esses elementos e situações se apresentam com uma carga de natureza sagrada. Motivo pelo qual não

⁶⁵ CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB**. PDF. Campina Grande-PB. 2010. Pg. 104.

⁶⁶ DUARTE, Mauricio Parnaíba. **As rezas e os rezadores de Santa Helena-PB (1950-2013)**. Monografia (graduação) UFCG/CFP.

⁶⁷ DUARTE, Mauricio Parnaíba. **As rezas e os rezadores de Santa Helena-PB (1950-2013)**. Monografia (graduação) UFCG/CFP. Pág. 39

podem ser profanados, maculados. Fazem parte das suas crenças e principalmente da sua fé.

Na fala abaixo o rezador enumera as doenças que ele já curou, com rezas em nome de Deus de Nossa Senhora e da fé que as pessoas têm:

O desgaste nos nervos eu já curei, a hérnia de disco eu já curei, umas três ou quatro ou mais viu com a reza viu com a minha cura viu, com a palavra de Deus viu, de Deus e Nossa Senhora.⁶⁸

Assim como os objetos a palavra de Nossa Senhora tem uma importância no processo de cura do rezador de Umari - CE, confirmando o universo católico de filiação da sua crença. A reza torna-se uma prática religiosa popular com finalidades de cura. Todos os símbolos, os dizeres de fé nos santos católicos, o reconhecimento de Nossa Senhora e sua evocação como disse o rezador à cima, tudo está em volto de uma religiosidade popular que faz uso de orações e de outros objetos que possam representar a fé. Ainda hoje se realizamos uma visita despretensiosa a uma residência de populares nos depararemos facilmente com muitos destes objetos de fé e de devoção. Em minha pesquisa e em visita à casa de seu Celso, rezador de Umari, tive oportunidade de observar os elementos e símbolos religiosos de sua fé. Ele reside próximo a igreja e em sua casa as imagens de santos católicos tem presença cativa. Seu Celson relata que muita gente costuma procura-lo para que ele possa rezar:

Já tem vindo gente de Sousa viu, já veio gente de Sousa, e eu tem rezado neles e eles tem ficado bom, pois é tem sido curado viu. Ói, gente em São Paulo e eu rezo daqui e eles se cura lá.⁶⁹

Segundo “Seu Celso”, é corriqueiro que as pessoas o procurem para que ele possa rezar em algum parente que está doente, mesmo que esse parente esteja em outro Estado, segundo ele a fé é capaz de curar mesmo que a pessoa esteja distante dos seus olhos. Muitas pessoas vêm a sua procura para que ele possa rezar de outras cidades como Sousa que fica na Paraíba, e de outros estados como São Paulo. Suas rezas são conhecidas em diferentes regiões:

⁶⁸Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sítio Logradouro, município de Umari - CE.

⁶⁹Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sítio Logradouro, município de Umari - CE.

O povo daqui deles ali de Umari pede pra eu curar eles e vem até o retrato eu curo, eu já tenho curado até gente muito abalado com coisa que até se encosta neles coisa mal, mais não é... ai eu tenho curado eles, eles vem eu rezo três veze duas vezes até três e eles vem me agradecer e me pagar e eu digo não, não não quero não eu... eu... quem me paga é Deus e nossa senhora eu não curo... eu não curo ninguém e cobro a palavra de Deus não que é pecado viu, quem cobra a palavra de deus não vai pra frente não, troca por dinheiro não, de jeito nenhum.⁷⁰

Para realização da cura à distância só precisa, como diz o rezador, estar de posse de um retrato ou fotografia da pessoa ausente. Nesse caso o que parece aproximar rezador e rezado é a fé na reza e na cura por meio dela.

Esse processo de cura é feito com as rezas, e nada é cobrado para que se realizem esses rituais de reza, para seu Celso, falar em pagar pela sua reza, é como se fosse uma profanação a suas crenças, um ato de repudio, uma coisa que ele nunca pode fazer não só ele como também outro rezador, pois para ele quem paga pela reza é Deus, e é pecado cobrar pela palavra de Deus, se você troca a palavra de Deus por dinheiro você não vai pra frente, segundo o rezador, ou seja; é como se qualquer pessoa que fizer uso desse meio para ganhar dinheiro, estivesse usando esse dom de forma errada, e que sendo assim, isso não vai lhe trazer boa sorte, a pessoa não vai pra frente, pois afinal o que possui é um dom e como tal não pode ser negociado, mas exercido para o bem.

3.2 OS MALES E AS CURAS DOS REZADORES DE UMARI-CE.

No relatar sua experiência como rezador “Seu Celso” admite também ter doenças que ele não pode curar. Como diz, nesses casos, só Deus pode realizar a cura, pois, existem doenças, ou como chamam popularmente incômodos, que nem a medicina é capaz de chegar à cura:

⁷⁰Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE.

E muito incômodos que chega aqui é difícil, só não curei ainda e ninguém cura, só Deus é que cura é o tal do câncer que é o tal do C.A né ta hoje o nome dele aí ninguém cura só quem cura é Deus lá.⁷¹

Ele admite que certos tipos de doenças, a reza dele não cura só mesmo a fé em Deus, é entregar o poder de cura a Deus. Ao fazer comentários como esse o rezador vai nos apresentado os tipos de enfermidades que costuma se deparar como rezador. Sobre esse tema, Duarte em sua pesquisa chega a seguinte conclusão:

[...] passemos ao campo das enfermidades por eles atendidas em Santa Helena PB. Algumas “doenças” fazem parte do cotidiano e vida social e são passíveis de serem curadas pelos rezadores e rezadeiras que já conhecem os sintomas de cada enfermidade.⁷²

Em seu estudo Duarte, afirma que pelo fato de “algumas” doenças estarem presentes na vida social e conseqüente mente no cotidiano das pessoas, os rezadores sabem definir a enfermidade pelo sintoma apresentado. Ainda sobre essa questão dos tipos de doenças e sobre a capacidade de cura por meio das rezas Carla Rodrigues Theotonio em seu trabalho faz uma abordagem bastante peculiar, no que se refere aos tipos de doença, e a duração específica de certos tipos de doenças. A discussão é feita com base no ciclo da duração de determinadas doenças, ou seja; qual é o tipo de doença no qual o individuo está acometido, e relata quanto tempo dura os sintomas da referida doença. Assim começa um processo de cura onde o rezador vai repetir sua reza, por dias determinados pelo próprio, e segundo Carla a cura vai se ligar ao próprio desaparecimento normal da enfermidade:

As rezas geralmente se destinam a tipos especiais de doenças, cujo ciclo tem uma duração específica. Como a repetição faz parte do processo – e é quase sempre necessário repetir a reza três vezes durante dias determinados pela rezadeira - a cura se liga ao próprio tempo de desaparecimento normal da enfermidade. Podemos considerar como doenças de duração específica manifestações dermatológicas, os processos inflamatórios e os distúrbios que são conseqüências de um acidente.⁷³

⁷¹Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sitio Logradouro, município de Umari Ceara.

⁷² DUARTE, Mauricio Parnaíba. **As rezas e os rezadores de Santa Helena-PB (1950-2013)**. Monografia (graduação) UFCG/CFP. Pág 43.

⁷³CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB**. PDF. Campina Grande-PB. 2010. Pg. 39/40.

A autora considera então, que, para quem tem fé à cura de um determinado mal, ou enfermidade, está relacionada à reza, esta que levou a cura. Sob outro ponto de vista existem divergências. Para a medicina científica não é a reza que ajuda a combater o mal, pois a cura se dá devido ao próprio período de duração da doença.

Voltemos à fala do rezador de Umari – CE sobre os tipos de doenças que ele diz poder curar com suas rezas:

...Aquela se chamava ulcera né que é a ulcera no estomago, gastrite que chama gastrite né, eu já tenho curado já curei um bocado, dor de cabeça de quarenta anos viu que a pessoa se trata com todo medico e não fica bom eu só rezo uma vez, a dor de dente dor de ouvido, qualquer uma dor assim no braço que se chama aquela dor... Aquela dor que... ó o desgaste nos nervos eu já curei, a ernea de disco eu já curei, umas três ou quatro ou mais viu com a reza viu com a minha cura viu, com a palavra de Deus viu...⁷⁴

A ulcera no estômago nome popular para a gastrite é uma das doenças, outras são dor de cabeça, dor de ouvido, dor de dente, dores nas articulações, hérnia de disco ou como diz popularmente, desgaste dos nervos. Para o rezador, se não consegue a cura total ao menos alivia as dores, graças à palavra de Deus, a força da fé e nas orações.

Como “Seu Celso” outros rezadores da região também rezavam para outras doenças como é o caso da rezadeira Maria José da Silva, também residente no mesmo município onde seu Celso mora. Em sua fala ela diz que, reza de “*uiado, vento caído, quebrante*”, na fala da entrevistada ela relata que reza em crianças para esses males, e quando questionada sobre os tipos de reza ela diz que é uma reza específica para esses males. Ainda enfatiza que suas rezas são apenas para as crianças.

Na pesquisa de Duarte, quando ele aborda a questão de existirem rezadores que só rezam em crianças vejamos:

Como se percebe no relato ato de rezar está propicia a qualquer momento, isso se for uma criança, caso seja um adulto ele não reza. Dessa forma, o cotidiano do rezador Vicente Duarte é marcado por uma rotina em que uma pessoa ao necessitar de sua reza e chegar a sua casa será atendido prontamente. Sua atuação é curiosa porque como diz, atua somente com pessoas específicas porque ele aprendeu poucas rezas, estas que são vistas por

⁷⁴ Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, no sítio Logradouro, município de Umari - CE.

ele, como capazes de curar apenas crianças, como ele costuma dizer, “rezo somente em menino”⁷⁵.

Assim como podemos observar, através da pesquisa, cada rezador tem sua maneira própria de praticar essas rezas, em conformidade com seus costumes e seus modos. Enquanto um rezador pode rezar para algum tipo de doença o outro não pode. Contudo apesar de seus costumes e modos serem diferentes de suas práticas de cura, existe um ponto muito forte e em comum que as liga e são bastante frisadas nas falas dos entrevistados, a fé.

3.3 ELEMENTOS E RITUAIS DE CURA DOS REZADORES DE UMARI - CE.

Através de um conjunto de gestos e palavras que são utilizadas de uma maneira simbólica define-se os rituais dos rezadores na condução suas rezas e práticas de cura. Sobre o seu ritual, “seu Celso diz”: *“o que eu uso só os ramim verde e muita cura eu faço com a mão mesmo viu, eu faço com a mão eu benzo com a mão sem ramo verde sem nada”*. Em sua fala ele diz que usa uns “ramim” verde para realizar suas rezas. Esses ramos a qual ele se refere são alguns pequenos galhos de árvores, que tem um grande valor simbólico para as rezas.

Como diz o rezador ele realiza as curas com alguns movimentos nas mãos, esses movimentos fazem parte desses rituais de cura por ele utilizados.

Algumas orações são conhecidas, no entanto outras já não são mencionadas, e são ditas muitas vezes mentalmente, sem que se emita nenhum som por parte do rezador, pois eles acreditam que se a pessoa que está sendo recebendo a reza, ouvir ou chegar a ter conhecimento do tipo de reza que está sendo feita naquele momento, a reza perde o poder de cura, não se tornando eficaz para combater aquele mal que o aflige. Quando questionado acerca dos elementos usados no ritual de cura assim o rezador assim se expressa:

⁷⁵ DUARTE, Mauricio Parnaíba. **As rezas e os rezadores de Santa Helena-PB (1950-2013)**. Monografia (graduação) UFCG/CFP. Pág 29.

Um bocado assim quase, uma coisa assim quase proibida pra eu dizer assim as rezas que eu curo porque não posso não viu, isso é uma coisa que eu só posso revelar pra deus mesmo e ele mesmo é que me ajuda viu. Agora quando eu começo a curar ai eu me lembro de toda oração, pois é.⁷⁶

Na afirmação da fala reproduzida acima, o rezador diz que, para ele, é proibido revelar a sua reza. A oração é uma confissão, que só Deus pode saber, uma coisa sagrada. Como explica na hora que e está realizando a cura e só pode mesmo revelar a Deus. Sendo assim que começa a lembrar-se de toda oração. Pela sua fala podemos perceber a maneira como ele age para com sua reza, para com sua crença como a entende trata-se de um seu dom.

Vejam os como o estudo de Carla Rodrigues Teotonio que estamos seguindo como referência aborda a questão da posse e da transmissão da atividade de rezador:

Há uma preocupação das rezadeiras em deixar com outros os seus conhecimentos, D. Bernadete assim expressa esse desejo “aqui tem que ensinar pra num se perder no tempo”. Essas questões se tornam mais claras quando o processo de iniciação é observado, pois o aprendizado não é feito de forma aleatória. A rezadeira já experiente, que se dispõe a ser mestra organiza uma sequencia para repassar as fórmulas das rezas, observando a correspondência com cada enfermidade, o reconhecimento dos sintomas e as recomendações adequadas dos chás.⁷⁷

Fazendo uma análise na pesquisa de Rodrigues, podemos perceber que existe uma preocupação por parte das rezadeiras em deixar sua sabedoria. Repassar esse conhecimento de forma oral é uma preocupação que essas mulheres que compuseram o trabalho da autora têm, para que esse dom não se perca com o tempo. O cuidado e como elas fazem esse repasse para que não haja nenhum erro, para que todas as informações sejam absorvidas por quem vai aprendê-las, é uma forma de propagar esses conhecimentos:

⁷⁶Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, no sitio Logradouro, município de Umari - CE.

⁷⁷CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB.** PDF. Campina Grande-PB. Pg 36.

Não é qualquer pessoa que pode rezar, as rezadeiras são referências para a comunidade na qual estão inseridas, não apenas pelo saber das rezas, que só lhe foi garantido através de um processo de iniciação e aprendizado.⁷⁸

Portanto não é qualquer pessoa que pode rezar, não é só saber das rezas, existe todo um processo de iniciação como já citado a cima.

Contudo seu Celso diz que não pode ensinar sua reza, quando questionado o motivo pelo qual ele não pode ensinar, ele foi bastante enfático, “*ninguém me ensinou, por isso não posso ensinar a ninguém*”:

Não posso não eu não posso, porque eu não tenho, num foi ninguém me ensinou, quando chegou esse dom... só quem recebe uma reza dessa é quem tem o dom de deus quando deus dá o dom que aí entrega aí ele toma de conta e dá conta viu, mais eu não posso já teve gente que falou pra eu passar pra uma pessoa que eu já tô ficando velho mais eu não posso, não posso passar pra ninguém, não posso revelar minhas oração os meus pensamentos.⁷⁹

Na sua fala, “Seu Celso” afirma que esse seu dom como foi dado por Deus, não pode ser repassado, não por ele, a graça que ele recebeu de saber rezar, de saber curar, de ter o conhecimento sobre as rezas as orações, nada disso ele pode repassar. Na sua narrativa ele descreve assim:

Ói você vem ali, ali se eu sair daqui e você vir ali eu já to certo que você vai se apresentar ali a mim, nois vamos se encontrar ali. Né uma coisa interessante aqulio vem em mim como uma recordação viu ai o pensamento pensa e dá certo viu o meu pensamento viu pois é, ai muitas e, muitas coisas eu não digo não porque aí fica muito longe viu, porque a sabedoria que Deus dá à pessoa. Dentro desse dom que a gente recebe é muita coisa viu é muita coisa viu, eu me sinto tão bem... eu me sinto tão bem... as coisas é meia difícil viu...⁸⁰

A maneira como descreve o que para ele é um dom se sustenta com firmeza no fato de crer que realmente foi dado por Deus, e que se apresenta como “uma sabedoria que poucos têm uma graça que poucos conseguem alcançar”. Na sua fala “Seu Celso”

⁷⁸CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB.** PDF. Campina Grande-PB. Pg 36.

⁷⁹Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, no sitio Logradouro, município de Umari – CE.

⁸⁰Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, no sitio Logradouro, município de Umari – CE.

diz que o que cura é a fé em Deus, a fé nas palavras de Deus, é uma junção da fé da pessoa que está rezando, e da que está sendo rezada. Vejamos o que diz sobre isso o estudo de Rodrigues em questão:

Essa prática de cura se completa apenas com a junção de três elementos essenciais: a rezadeira, aquele que é rezado e a palavra portadora da cura. Ainda que a reza utilize outros elementos, como a água ou o ramo, a palavra é o centro da prática. A reza carrega na força da palavra a atitude de retirar o mal e proporcionar o bem estar.⁸¹

É a fé na oração mesmo que não dita que faz a difusão da fé de cada indivíduo, a palavra traz consigo a força necessária para que o processo de cura aconteça mesmo quem em muitos momentos não tenha como a pessoa que está sendo rezado, compreender essas rezas, mais algumas vezes se torna possível entender o que o rezador está falando, pois dar para ouvir os sussurros, mais é palavras que traz a força da oração, é ela que faz com que se propague a fé, e como diz Carla Rodrigues Theotonio na citação à cima, “*reza carrega na força da palavra a atitude de reiterar o mal e proporcionar o bem estar*”. Vejamos o que diz o rezador:

É só a pessoa precisar da reza viu, se ta sentindo uma dor pode vir que eu curo não tem hora não tem meia noite não tem de madrugada não tem amanhecer do dia não tem meio dia, eu posso ta sentado lá almoçando ou jantando, chaga uma pessoa aqui com uma dor eu corro aqui e vem... deixo meus pratos lá e vem curar ele logo pra tirar ele daquele sofrimento e todo dia todo dia é bom de cura da palavra... com a palavra de Deus, Deus não deixou marcou um dia, só é um dia não senhor! Não senhor! E não senhora! E na hora que você precisar você precisa você precisa ta sentindo uma dor um incomodo uma hora dessa e deixar pra amanhã de noite ou pra amanhã de manhã, não amanhece vivo não! Já aconteceu história antiga disso ai, desse povo curador que marca dia de cura viu, não tem isso não.⁸²

Como “Seu Celso” diz, para ele não tem uma hora certa, ou uma hora marcada para realizar as rezas. Para ele basta chegar ao seu conhecimento: “é só sentir a necessidade, basta sentir algum incomodo” que ele está pronto para rezar, seja em

⁸¹CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB.** PDF. Campina Grande-PB. Pg 34.

⁸²Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, no sitio Logradouro, município de Umari - CE.

pessoa adulta e principalmente em criança. Segundo ele, “*toda hora é hora para rezar*”. Mesmo que esteja ocupado, ele deixa o que estiver fazendo e vai rezar.

Existem outros rezadores que usam os ramos para rezarem, essa prática é comum entre os rezadores. Dona Maria dos Anjos Moreira Brasil, rezadeira, que também reside na mesma localidade em que se Celso mora, diz na sua fala que:

Nas minhas rezas, três raminhos verde, nos três raminhos verde é os três bem verdinho se um murchar só um ramim é mulher que bota e se murchar os três é homem.⁸³

A rezadeira em sua fala se refere ao mal olhado e como procede na cura do mesmo através de uma prática em que os ramos têm um importante significado. Como diz, são os ramos que mostram para a rezadeira quem botou mal olhado na pessoa que está sendo rezada explicando que, se depois da reza murchar apenas um ramo dos três, quem botou o mal olhado foi uma mulher, mais se murchar os três foi um homem. O valor simbólico que está associado a esses ramos é forte, e é um instrumento que muitos rezadores utilizam em sua reza.

Podemos perceber com essa análise que esses elementos e esses rituais praticados pelos rezadores fazem parte de toda uma cultura, que envolve o conhecimento e relação dos rezadores com sua flora e natureza e seu meio social assim com muitas crenças e fé nos seus rituais. A forma como rezam, os instrumentos que eles usam para rezar, a maneira com que passam a sua reza, os rituais e os tipos de reza, tudo isso é uma característica de cada rezador, e cada um é que escolhe a maneira de como conduzir sua reza, mais sempre levando a fé e o nome de Deus, as pessoas que estão doentes.

3.4 REZADORES: QUEM OS PROCURA?

É extensa a abrangência da atuação dos rezadores de Umari-ce. Muita gente de vários lugares procura esses rezadores. Como o rezador “seu Celso” diz, “*vem gente de fora, do município, e até mesmo de São Paulo*”. Mais a grande maioria são pessoas da

⁸³ Entrevista feita com a rezadeira Maria dos Anjos. Que reside no sítio Logradouro, município de Umari - CE.

própria região, muita gente da zona rural, pessoas humildes que trazem a fé como uma esperança.

É de perto e tem de longe, tem de triunfo, tem de Poço José de Moura, vem gente de Cajazeiras, vem gente de Fortaleza Iguatu de todo canto daqui de perto tem.⁸⁴

São pessoas vindas de cidades da Paraíba como Poço José de Moura e Cajazeiras, além de Iguatu e Fortaleza cidades do Ceará que compõem sua “clientela”:

já veio muita gente, muita gente mesmo, depois que descobriam que eu tô aqui, é um canto já mais... já tem já mais... cumé que diz o pessoal já sabe já que eu tô mais perto, a Catingueira⁸⁵ já é mais, um pouco mais longe já é uns caminho muito rim e o pessoal sabendo que eu tô aqui já vinha muita gente.⁸⁶

Na sua fala acima, o rezador diz que depois que se mudou da catingueira⁸⁷, que é um sítio um pouco distante e de difícil acesso, ficou mais fácil para as pessoas o procurar para rezar, morando agora no Baixio dos Gaviões⁸⁸, que também é município de Umari - CE o acesso é melhor.

Conforme os relatos dos rezadores, as pessoas que procuram, suas rezas vem de todos os lugares, “*todo canto*”, porém são as pessoas da própria comunidade quem buscam mais por essas rezas. São pessoas humildes, batalhadoras, mães de família que fazem uso da fé para a cura do mal de seus filhos.

De primeiro as crianças as mães o primeiro que fazia era pegar as criança e levar pro rezador pra rezar, tinha deles que ficava bom outros era a medicina tinha que se deslocar pra longe nesse tempo era o tempo da crueldade não tinha medico não, era em cajazeiras bem longe. Pra gente consultar um filho era o maior sacrifício da vida.⁸⁹

Pela fala da rezadeira existia uma grande dificuldade para conseguir uma consulta para o seu filho. Muitos como ela tinham que se deslocar até outras cidades maiores para conseguir uma consulta para suas crianças. Sua fala nos dar conta de que

⁸⁴ Entrevista feita com Valdir Macedo de Lima, rezador da região. De Umari - CE

⁸⁵ Catingueira, é uma localidade da zona rural do Icó- CE, que faz divisa com a cidade de Umari-ce.

⁸⁶ Entrevista feita com Valdir Macedo de Lima, rezador da região. De Umari - CE

⁸⁷ Localidade da zona rural de Icó - CE

⁸⁸ Baixio dos Gaviões, é um sítio que fica localizado próximo a cidade de Umari - CE. A localidade é de fácil acesso, devido a melhores condições da estada.

⁸⁹ Entrevista feita com a rezadeira Maria dos Anjos. Que reside no sítio Logradouro, município de Umari - CE.

esse deslocamento se devia a situação precária do Município. Uma realidade que ela chama “*de tempo da crueldade*”.

Quando questionada se em Umari - CE tinha médico a rezadeira diz:

Tinha não, tinha não tinha uma farmacete vei, que era Joao Freitas era quem era o farmacete era que passava uns remédios que não adiantava de nada, os meus mesmo eu cansei de levar pra Parnaíba em Baixio, que tinha parnaíba, ele não era médico mais era muito sabido né até que dava certo, a consulta dele.⁹⁰

Esses relatos mostram que o acesso a médicos e hospitais era difícil, a população menos abastada enfrentava muitos problemas para conseguir diagnosticar e tratar suas doenças, sendo assim a procura pelos rezadores era constante na região, a procura por suas rezas e seus ensinamentos de chás, compressas ou qualquer outras medidas usadas por eles que pudesse curar a doença.

Quando as pessoas de Umari - CE procuram seus rezadores, eles aparecem com diversos sintomas de doenças, como dor de cabeça, dor de dente, depressão, dores nas articulações, nos ossos. Esses sintomas mais recorrentes em adultos, já nas crianças o que é mais comum é a espinhela caída, vento caído, mal olhado, quebrante.

No estudo que Rodrigues⁹¹ são apresentado os sintomas e as características das rezas como, por exemplo, a espinhela caída, os sintomas são vômitos enjoos, falta de ar, fadiga. Quebranto ou mal olhado apresenta sintomas como, aparência abatida, abrir a boca repetidas vezes, olhar triste. Esses são algumas doenças que Rodrigues apresenta em sua pesquisa:

Procura tem dia que vem de quatro a cinco pessoas com crianças, basta as crianças apresentar alguma coisa de anormalidade né de vômito de obra ai vem e eu rezo, se for por acaso pra ficar bom fica se não foi eu levo pro médico.⁹²

⁹⁰ Entrevista feita com a rezadeira Maria dos Anjos. Que reside no sitio Logradouro, município de Umari - CE.

⁹¹ CARLA, Andrea Rodrigues Theotônio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB.** PDF. Campina Grande-PB. Pg 58 a 61.

⁹² Entrevista feita com a rezadeira Maria dos Anjos. Que reside no sitio Logradouro, município de Umari-CE.

A rezadeira fala que quando a criança apresenta uma anormalidade como vômito ou obra⁹³, os pais levam a criança para ser rezada, caso não apresente melhoras, é que o médico é procurado:

(...) depressão, depressão é um caso complicado muita gente vem com problema de depressão, chega aqui, e eu rezo peço a deus e deus da a cura a muita gente(...)tem dor de cabeça, dor de dente, chega gente chorando aqui com dor de dente já sai sorrindo, e assim por diante.⁹⁴

Outro rezador que fala sobre as doenças que ele cura é Valdir Macedo de Lima, na citação acima, ele cita a depressão, a dor de cabeça, dor de dente dentre outras doenças que ele também cura. São essas as doenças que são mais recorrentes nas pessoas que procuram os rezadores, e a busca da reza para chegar a cura, mostra como esse hábitos está enraizado na cultura popular.

“Seu Celso” diz também que tem épocas em que a casa dele enche de gente a procura de sua reza, mais isso varia de época para época. Esse fato de ter épocas em que ele é mais procurado pode estar atrelado aos meses de seca na região, com a seca vêm às enfermidades e o fato de as estradas estarem em condições que possibilitem a chegada até a casa dele:

Não sei tem época que eles procura mais eu acho que é os incômodos que vem né mais quando o povo ta atacado com qualquer incomoda mal que vem de doença ai fica.. e enche a casa... fica.⁹⁵

Contudo também existem outras épocas que rezador é menos procurado, isso também pode estar relacionado ao período dos meses que acontecem chuvas na região, devido ele morar no sítio, quando chove muito, o acesso a localidade torna-se mais difícil, devido a rios e córregos que passam pela estrada de acesso até a sua comunidade. Vale lembra que como Distrito de Umari, a localidade ainda é rural, não existem estradas asfaltadas quase todas as vias ainda são carroçais:

Tem outra época que o povo procura menos que eu chega me admiro viu, ói no dia que eu rezo muito eu me sinto tão bem, pra mim eu tô assim como que eu to nos ares sinto aquela frieza no o meu corpo, quanto mais eu curo as

⁹³ Obra ou Diarreia, como é mais conhecida popularmente.

⁹⁴ Entrevista realizada com o rezador Valdir Macedo de Lima, que mora na localidade Baixio dos Gaviões, município de Umari-ce.

⁹⁵ Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sitio Logradouro, município de Umari Ceara.

criaturas mais eu me sinto bem, bem de saúde viu pois é é desse jeito, agora nuca pude nunca pude dar... agora você ver o tal do C.A a pessoa ta em grito em grito doendo doendo porque a doença é perigosa, eu chego só é rezar pronto ai se acalma dorme a noite todinha se eu rezar uma hora dessa num dói mais de noite, já vai doer quando passa... quando passa...⁹⁶

O rezador como podemos ver em sua fala afirma que se sente bem quando reza, sente-se aliviado, como se estivesse flutuando, fica em paz consigo mesmo, quanto mais ele pratica suas rezas, sua cura como ele mesmo fala, ele se sente realizado, pois estão fazendo o bem as criaturas como designação me parece para aqueles homens e mulheres criaturas de Deus que têm como ele fé. Seres humanos e não os animais para os quais também reza:

Rezo no animal e ele fica bom é, eu tenho levantado animal estirado ja estirado acabando de dar o derradeiro suspiro ai rezo nele e ele vai se bulindo se bulindo, eu curo de mordida de cobra também o bixinho ta já estirado eu chego e cuspo na boca dele e ele se levanta.⁹⁷

Nesse relato “seu Celso” afirma que e reza nos animais até eles melhorarem. Em dado momento relata como procede ao rezar nos animais que são atacados por e mordida de cobra, cuspiendo dentro da boca do animal, segundo ele assim funciona, ele faz a oração e esse ritual conseguindo por fim curar o animal acometido de mordida de cobra.

Nesse momento e asse propósito “Seu Celso” afirma existir uma diferença entre a reza para seres humanos e a reza para os animais:

Ai eu já tenho outras diferenças viu, eu mudo um pouco viu, porque a cura do ser humano a gente já tem que usar uma coisa... porque é outra coisa viu... no animal eu não peço o que eu peço para o ser humano.⁹⁸

Pela afirmação do rezador, as orações para os animais e para os seres humanos são diferentes, quando indagado o motivo da diferença a resposta dada foi , porque é

⁹⁶Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sitio Logradouro, município de Umari - Ceara.

⁹⁷Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sitio Logradouro, município de Umari - Ceara.

⁹⁸Entrevista realizada com Celso José de Andrade, mais conhecido como Seu Celso, ele reside no sitio Logradouro, município de Umari - Ceara.

outra coisa viu, como se a diferença fosse grande. Ele disse que reza em gado, cavalo, burro, esses são os animais que ele usa suas orações para poder fazer o processo de cura.

No decorrer da pesquisa é os tipos de doenças, que são comuns entre as pessoas que buscam a reza como um meio de cura. Como exemplifica a rezadeira Maria dos Anjos, ao afirmar que: “rezo e olhado vento caído e eu levanto espinhela”⁹⁹, os sintomas do mal olhado segundo a pesquisa de Carla Rodrigues Theotônio¹⁰⁰ é a falta de apetite, desânimo, vontade de se isolar de parentes e amigos, fadiga, aparência cansada. Os sintomas para a espinhela caída são vômitos, enjoos, falta de ar, desnutrição. Ou seja, um quadro de doenças e enfermidades próprias de um universo de carências de políticas públicas de saúde e próprias de administrações impopulares.

É perceptível nas falas dos rezadores, que as doenças são comuns, sempre com os mesmos sintomas, falta de apetite, enjoos, cansaço. Essas enfermidades fazem com que a figura do rezador se faça necessária nos costumes e tradições populares, faz com que prevaleça no tempo.

Hoje a região de Umari - CE disponibiliza de PSF (Programa Saúde da Família), com uma equipe médica, ACS (Agentes Comunitários de Saúde), hospital, mesmo disponibilizando de todos esses recursos atualmente, os rezadores são procurados com frequência, a fé que as pessoas tem na sua reza é forte, é como diz o rezador Valdir Macedo:

O que eu uso pra rezar é o seguinte, só a minha fé e a fé de quem chega se tiver fé eu conheço se não tiver eu falo que a pessoa que não tem fé não tem nada, e mando procurar outra pessoa, outro rezador.¹⁰¹

A busca pela reza, pela cura com base na fé, está presente no cotidiano das pessoas, mesmo disponibilizando de outros recursos como a medicina, por exemplo, que nos dias atuais o acesso é mais fácil, esses rezadores homens e mulheres que trazem a oração e a fé em suas palavras e são reconhecidos por isso.

Durante a pesquisa é notável que a presença dos rezadores faz parte de toda uma cultura local desde antes dos anos de 1970 que é o marco cronológico da pesquisa, o

⁹⁹ Entrevista feita com a rezadeira Maria dos Anjos. Que reside no sitio Logradouro, município de Umari-CE.

¹⁰⁰ CARLA, Andrea Rodrigues Theotônio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras** e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB. PDF. Campina Grande-PB.pg 58 a 61.

¹⁰¹ Entrevista feita com Valdir, rezador da região. De Umari - CE

que se torna interessante nesse estudo e nos demais com os quais dialogamos é que até os dias atuais existe lugar e espaço para a atuação dos rezadores. Mesmo com o avanço da medicina, mesmo com o acesso a postos de saúde, e demais serviços de saúde prestados hoje nos pequenas cidades e, mesmo com todo conhecimento que está disponível sobre a saúde nos meios de comunicação, seja no rádio, televisão, internet, práticas de rezas continuam acontecendo, a procura ainda é muita, é notável a fé das pessoas quando optam por buscarem os rezadores para rezarem em seus amigos, vizinhos ou parentes, principalmente em suas crianças como vimos nas falas dos entrevistados. Essa situação nos faz levantar algumas questões sobre, por exemplo, a permanência de um descaso com a vida e saúde da maioria da população pelos administradores e políticos, por um lado e por outro lado, nos informa sobre a continuidade de práticas culturais religiosas populares de vias de acesso ao mundo do sobrenatural, do Além, formas de expressão de fé e religiosidade ligada à vida prática do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reza como mecanismo de cura está presente na vida e no cotidiano das pessoas e dos rezadores da região de Umari - CE, mas, está principalmente presente na memória das pessoas que foram rezadas e usufruíram dos préstimos dos rezadores. Essa presença no meio social se torna abrangente quando as pessoas se deslocam de lugares distantes em busca desses rezadores, de uma reza para seu filho ou ente querido que está necessitando. E procuram pelos rezadores, como “seu Celso”, ou Maria dos Anjos, para que suas rezas possam aliviar a dor.

Trabalhando com a história oral nos foi possível realizar entrevistas e colher depoimentos desses personagens, desses rezadores e rezadeiras, e compreendermos suas práticas de cura e quais os tipos de enfermidades que elas combatem. Vale salientar que essas práticas de reza, fazem parte de um patrimônio cultural que foi lhes passado por seus antepassados, através da oralidade.

Esse ofício de reza está inserido na tradição religiosa e nas crenças, como foi dialogado com outros estudos como o de Carla Rodrigues Theotônio, em seu estudo dos rezadores do município de Umari - CE e com Maurício Parnaíba em seu estudo também sobre os rezadores da região de Santa Helena, nas proximidades de Umari - CE. Com esses autores discutimos que esses personagens representam uma manifestação religiosa, praticam a cura através de rezas que foram passadas de geração a geração, e essas rezas de uma tradição católica comportam misturas de outras tradições e culturas religiosas como as crenças, dos indígenas e dos afrodescendentes, formando assim um sincretismo religioso.

Podemos observar no primeiro capítulo como a história oral pode ajudar quando a fonte de pesquisa se torna escassa, podemos perceber também no primeiro capítulo a miscigenação que aconteceu com a religião, percebemos que essas práticas de cura atravessaram várias gerações, e se torna uma prática cultural, ainda no primeiro capítulo podemos identificar a relação de proximidade e de importância que os rezadores têm com os pobres ou os populares, lhes sendo útil em um período de estiagem e adoecimento no qual em função da inexistência de médico ou hospital, recorriam a esses rezadores em busca de uma cura.

No segundo capítulo, podemos compreender melhor o que foi a década de 1970, no que se refere a economia e sociedade, entender que como diz José Murilo de Carvalho, foi o período que se falou no “milagre econômico”, contudo podemos observar que não foi bem assim que as coisas aconteceram no Brasil, não foi um milagre, foram implantados planos de assistencialistas que não deram certo, inclusive na região Nordeste. Segundo Carvalho com a crise o país entrou em declínio, e já não existia mais o “milagre” na economia. Ainda no segundo capítulo percebemos que apesar de se estar falando em “milagre econômico”, o Nordeste passava por um cenário difícil, a desigualdade social é um fato na região. Segundo dados fornecidos pela pesquisa de Nivalda Aparecida Campos, depois do golpe militar órgãos como a SUDENE perderam a autonomia. Celso Furtado enfatiza que o problema do nordeste é a estrutura social, política e econômica, que está instaurada a muitos anos no Nordeste. Com o estudo de Durval Muniz sobre a discursão sobre a invenção do Nordeste, e toda a sua abordagem sobre a seca, de como a elite agrária tirou proveito usando o fator climático que é a seca para usar em benefício próprio, abordamos nesse capítulo a também a questão das políticas públicas que estavam voltadas para a saúde, eram precárias, fazendo com que a população carente, buscasse outras maneiras para encontrar a cura de suas doenças, já que eles não tinham acesso a nenhum hospital ou médico, com essa carência e nesse meio social a figura do rezador se destacou.

No terceiro capítulo, contando a história dos rezadores e de suas experiências foram colhidos depoimentos dos rezadores, sobre o ofício de cura, apresentamos esses personagens e as doenças que eles curavam. Em suas falas eles nos apresentaram um quadro de enfermidades cujas doenças se caracterizam pela relação com as condições de vida de precariedade de cuidados básicos com a saúde, com a alimentação. As enfermidades que afirmaram ser capazes de realizar a cura são: espinhela caída, mal olhado, dores de cabeça, depressão, dentre outras doenças. Esses nomes dados a essas enfermidades são como são popularmente conhecidos.

Nos relatos nos informaram sobre a abrangência de suas atividades de rezadores por lugares que extrapolam seu município de atuação. Falam que a busca da cura pelas rezas vem de muito longe. Muitas vezes um parente leva apenas uma fotografia para que o rezador possa com sua reza e fé, curar a pessoa. E acontece uma grande procura pelos rezadores, para que eles possam rezar principalmente em crianças como pudemos observar em algumas falas.

Como conclusão, destacamos a existência dos rezadores na tradição e cultura religiosa dos populares de Umari – CE de ontem e sua continuidade na atualidade, como característica de uma religiosidade popular que se volta para o dia a dia e cotidiano prático das necessidades e carência dos pobres explorados e necessitados de políticas sociais¹⁰². Concluimos ainda destacando que esse trabalho, é mais uma importante contribuição para a historiografia do município de Umari - CE de um modo geral e de modo específico para a historiografia da cultura religiosa popular, já que se apresenta como uma nova contribuição, pois até esse trabalho, não existe trabalhos que narram a história dos rezadores em Umari - CE. Assim, este trabalho ajuda a conhecer as tradições e a cultura dos rezadores e rezadeiras da região de Umari - CE.

¹⁰² SILVANA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé**: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, D. M. JR. **A invenção do Nordeste e Outras Falas**. Recife-PE, Editora Massagana, 1999.

ALCAZARI GARRIDO, Joan Del. **As fontes orais na pesquisa histórica**: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.13, n.º25/26, p. 33-54, set.1992/ago. , 1993.

O, ALCARON Agra do. **Relatos de Males: Notas de Acerca dos Modos de Adoecer na Paraíba Imperial**. In O, ALCARON Agra do. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. 2. Ed. João Pessoa: Ed. Ideia, 2005. P. 11-43.

_____. **Velhices imaginadas: Memória e envelhecimento no nordeste do Brasil (1935, 1937, 1945)** / O, ALCARON Agra do. – Recife, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa Freire d' Aguiar, Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das letras, 2007. P.305.

ALBERT, Verno. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de pesquisa e documentação de História contemporânea. CPDIC/FGV 1989.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril cultural 1980.

BERGSON, Henri. **A alma e o corpo**. In: *Cartas conferências e outros escritos*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva São Paulo: Abril Cultural. 1974.

BURQUE, Peter. **A escola dos Annales**. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

BOSI, Edeo. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo. T A. Queiroz, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**, Ensaios de Teoria e Metodologia. Cap. 15, pp. 329, 346. Rio de Janeiro, Ed, Elseiver 1997-19º tiragem.

CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de Areia-PB**. PDF. Campina Grande-PB

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

DUARTE, Mauricio Parnaíba. **As rezas e os rezadores de Santa Helena-PB (1950-2013)**. Monografia (graduação) UFCG/CFP.

FERREIRA, Aurélio. A. H. de. **Mini Aurélio**, Século XXI. O minidicionário da língua portuguesa. 5ª edição. Rio de Janeiro. Editora nova fronteira, 2001.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral Possibilidade e Procedimentos** São Paulo Novembro 2002. Imprensa Oficial.

FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba**. João Pessoa, editora Universitária/UFPB, 1993.

LE GOFF, J. NORA, P. **História: novos problemas**, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976. Cap. A religião: antropologia religiosa. p. 83.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Cultura de falas e de gestos: História de Memórias**. Campinas, SP: [S.N], 1997.

_____. **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX**. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

MOTTA, Maria Menêndez. **História e memória**. Disponível em:

<<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2196>>

Acessado em: 17/03/2016

TAVARES, Maria da conceição. **Celso Furtado e o Brasil**. 1ª ed. São Paulo: ed.

Fundação Perceu Abramo. 2000. Disponível em:

<http://www.fpabramo.org.br/publicacoesfpa/wp-content/uploads/2014/12/Celso_Furtado_e_o_Brasil.pdf>

Acessado em: 14/05/2016

ARTIGOS

CAMPOS, Nilvanda Aparecida. **A Grande Seca de 1979 a 1983: Um Estudo de Caso das Ações do Governo Federal em Duas Sub Regiões do Estado do Ceará. (Sertão Central e Sertão dos Inhamuns)**. Disponível em:

<<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/75/65>>

Acessado em: 20/04/2016

Estudo da umbanda wordpress, disponível em:

<<http://estudodaumbanda.wordpress.com/2009/02/20/4-sincretismo-religioso-e-suas-origens-no-brasil-parte-2/>>

Acessado em: 22/04/2013

SOUZA, Rafael Cruz de. BATISTA , Francisco Eduardo Bastos: **Política Pública de Saúde no Brasil**. História e Perspectiva do Sistema Único de Saúde. Disponível em:

<<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/2842/1827>>

Acessado em:14/05/2016

APÊNDICE

REZADEIRAS E REZADORES ENTREVISTADOS NA PESQUISA:

Valdir Maceda de Lima.

Celso José de Andrade.

Maria José da Silva.

Maria dos Anjos Moreira Brasil.

MORADORES ENTREVISTADOS DA REGIÃO DE UMARI-CE:

José Leonel Sobrinho.

Maria Verônica Moreira de Menezes.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo, REZADORES DE UMARI-CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-2015) coordenado pela professora Silvana Vieira de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Curso de História.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo estudar os rezadores de Umari CE apresentando suas práticas e como estas estiveram e ainda estão presentes em períodos e contextos distintos do cotidiano e da vida social da população desse município bem como mostrar as formas de aceitação e busca dos rezadores por parte da população de Umari CE de ontem e de hoje, percebendo como e de que forma essas rezas, esses “saberes”, e esse conhecimento sobre ervas, chás, compressas e remédios do “mato” como chamam popularmente, contribuíram e contribuem para o bem estar social das pessoas que procuram os rezadores. E se faz necessário por se constituir como importante contribuição para o registro da história do cotidiano e das práticas e experiências culturais do município e cidade de Umari-CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): Realização de gravação de entrevistas sobre suas práticas e experiências como rezadores. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e decorrentes de possíveis desconfortos durante as sessões de gravações. Riscos estes que podem ser minimizados ao elaboramos em conjunto as condições menos adversas para realização das gravações. Sua participação é importante já que suas narrativas se constituem como caminho e possibilidade de registro para o campo da historiografia e história da cultura e da cidade de Umari- CE.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG/CFP/UACS/CURSO DE HISTÓRIA

Endereço: RUA IRMA FERNANDA Nº 91

Telefone: (83) 998897762

Email:svs_sil@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Umari 19/03/2016



Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal.

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Entrevista realizada por Yslany Moreira de Menezes, no dia dezenove do três de dois mil e dezesseis as quatorze horas.

Yslany: Qual é o seu nome completo?

Valdir: Valdir Maceda de Lima.

Yslany: A idade?

Valdir: a idade é quarenta e um.

Yslany: O senhor é natural daqui mesmo?

Valdir: Sou da catingueira, município de Icó.

Yslany: A profissão?

Valdir: A profissão é rezador mesmo.

Yslany: Como foi que o senhor se tornou um rezador?

Valdir: Vou falar pra você, mais nem eu sei explicar entendeu ai veio tudo natural, ai foi um dom dado por deus, isso eu posso dizer que foi um dom dado por deus, eu sou uma pessoa que eu não sei ler, ta entendendo não sei nem assinar meu nome todas as orações que eu sei tudo que eu se tudo que eu aprendi foi um dom dado por deus, eu posso dizer isso.

Yslany: Na sua família tem alguém que reza também?

Valdir: Os meus pais fala que o meu avô era rezador, mais eu nem cheguei a conhecer ele não.

Yslany: E o senhor pode falar alguma coisa sobre as suas rezas?

Valdir: Sobre as minhas rezas o negocio é o seguinte, o que eu tenho que lhe falar é assim tem muita gente que me procura, deus me deu o dom de eu rezar mais eu falo pro pessoal, eu não curo ninguém ta entendendo, eu peço a Deus ele me deu o dom de rezar e curar os filhos dele.

Yslany: Mais tem algum tipo de doença especifica que as pessoas chega aqui que mais lhe procura?

Valdir: Tem, é a tal da depressão, depressão é um caso complicado muita gente vem com problema de depressão, chega aqui, e eu rezo peço a deus e deus da a cura a muita gente.

Yslany: Ai só a depressão ou tem mais alguma?

Valdir: Tem, tem problema, tem dor de cabeça, dor de dente, chega gente chorando aqui com dor de dente já sai sorrindo, e assim por diante.

Yslany: Ai de onde é que essas pessoas são? É de perto? Como é?

Valdir: É de perto e tem de longe, tem de triunfo, tem de poço José de moura, vem gente de cajazeiras, vem gente de fortaleza Iguatu de todo canto daqui de perto tem.

Yslany: O que é que você usa para rezar? Algum instrumento?

Valdir: O que eu uso pra rezar é o seguinte, só a minha fé e a fé de quem chega se tiver fé eu conheço se não tiver eu falo que a pessoa que não tem fé não tem nada, e mando procurar outra pessoa, outro rezador.

Yslany: Quer dizer que quando a pessoa chega você já sabe?

Valdir: Já sei, eu sinto no momento.

Yslany: Tem algum tempo uma hora pra rezar? Tem algum momento? Um período?

Valdir: Tem, tem os dias de eu rezar em adulto, é segunda, quarta e sexta, esse três dias da semana.

Yslany: Reza em criança também?

Valdir: Criança não tem hora marcada não, e nem dia, toda hora que chegar é bem vindo.

Yslany: Tem alguma época especifica que o pessoal procura mais?

Valdir: Tem.

Yslany: Qual?

Valdir: é mais assim a partir de junho, de junho pro final do ano, essa parte ai que o pessoal procura mais, é uma parte que tem passado mais o inverno. Mais quando é no

momento do inverno sempre é mais procurado, mais agora só que agora mesmo do mês passado pra cá pessoal num ta ligando mais isso não negocio de inverno não chega aqui na chuva, já veio muita gente, muita gente mesmo, depois que descobrirão que eu tô aqui, é um canto já mais... já tem já mais... cumé que diz a estrada é melhor né o pessoal já sabe já que eu tô mais perto, a catingueira já é mais, um pouco mais longe já é uns caminho muito rim e o pessoal sabendo que eu tô aqui já vinha muita gente.

Yslany: Tem algum ritual, alguma coisa que você usa para rezar? Por exemplo, quando é de criança é de um jeito, quando é com adulto é de outro jeito, você pode dizer?

Valdir: A reza de criança é uma e de adulto é outra, as orações é mais pesada.

Yslany: Tem algum ritual, por exemplo colocar a criança de cabeça pra baixo?

Valdir: Não tem esse o momento da criança quando ta com o vento caído entendeu, você pega e levanta na porta, é só assim.

Yslany: Juntamente com a oração?

Valdir: Isso, é rezando, levanta a criança três vezes entendeu? E pede a Deus pra curar.

Yslany: Como funciona, cada problema tem uma oração diferente?

Valdir: Eu aprendi assim: eu uso quais bem dizê os tipos de oração que eu aprendi entendeu, eu uso e peço a Deus com fé, e Graças a Deu ta dando certo.

Yslany: Brigada por você ter respondido essas perguntas.

Valdir: Na hora que quiser seja bem vinda.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo, REZADORES DE UMARI-CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-2015) coordenado pela professora Silvana Vieira de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Curso de História.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem o objetivo de estudar os rezadores de Umari CE, apresentando suas práticas e como estas estiveram e ainda estão presentes em períodos e contextos distintos do cotidiano e da vida social da população desse município, bem como mostrar as formas de aceitação e busca dos rezadores por parte da população de Umari CE de ontem e de hoje, percebendo como e de que forma essas rezas, esses “saberes”, e esse conhecimento sobre ervas, chás, compressas e remédios do “mato” como chamam popularmente, contribuíram e contribuem para o bem estar social das pessoas que procuram os rezadores. E se faz necessário por se constituir como importante contribuição para o registro da história do cotidiano e das práticas e experiências culturais do município e cidade de Umari-CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: Realização de gravação de entrevistas sobre suas práticas e experiências como rezadores. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e decorrentes de possíveis desconfortos durante as sessões de gravações. Riscos estes que podem ser minimizados ao elaboramos em conjunto as condições menos adversas para realização das gravações. Sua participação é importante já que suas narrativas se constituem como caminho e possibilidade de registro para o campo da historiografia e história da cultura e da cidade de Umari- CE.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG/CFP/UACS/CURSO DE HISTÓRIA

Endereço: RUA IRMA FERNANDA Nº 91

Telefone: (83) 998897762

Email:svs_sil@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Umari 19/03/2016

Silvana Vieira de Sousa
Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal.

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Entrevista realizada por Yslany Moreira de Menezes, dia dezenove do três, às dezessete horas e trinta minutos.

Yslany: Qual é o nome do senhor completo?

Seu Celson: Celso José de Andrade.

Yslany: A sua idade?

Seu Celson: Setenta e nove anos.

Yslany: E o senhor é natural de onde?

Seu Celson: De Umari, Logradouro, e Umari viu, Umari Ceará.

Yslany: A profissão do senhor?

Seu Celson: É agricultura, num vou botar que fui pedreiro trinta anos não, que também ninguém vai mais, mais eu fui muito foi agricultor pois é, agricultor viu.

Yslany: Pronto... E como foi que o senhor se tornou um rezador?

Seu Celson: Eu me tornei, por uma... uma... Um dom de Deus foi... Num sabia nem aprendi com ninguém viu, e querem que eu ensine a alguma pessoa mais eu não posso ensinar que eu não aprendi com ninguém, quando eu vou curar uma pessoa minha filha, que... que eu acho que é meio pesado o incomodo ai eu tenho que recorrer a Deus viu pois é.

Yslany: Na família do senhor alguém reza?

Seu Celson: Não, não tem, não tem ninguém que reza não, reza assim porque todo mundo tem a reza né, mais assim como eu não.

Yslany: E o senhor pode falar um pouquinho das rezas que o senhor faz?

Seu Celson: Das cura né, ai eu tenho curado uma porção de incomodo viu, com os poder de Deus e de nossa senhora eu, a... a... Aquela se chamava ulcera né que é a ulcera no estomago, gastrite que chama gastrite né, eu já tenho curado já curei um bocado, dor de cabeça de quarenta anos viu que a pessoa se trata com todo medico e não fica bom eu só rezo uma vez, a dor de dente dor de ouvido, qualquer uma dor assim no no braço que se chama aquela dor... Aquela dor que... ó o desgaste nos nervos eu já

curei, a ernea de disco eu já curei, umas três ou quatro ou mais viu com a reza viu com a minha cura viu, com a palavra de Deus viu, de Deus e nossa senhora ai, e dai por diante viu, toda toda todo incomodo que a pessoa vem, tem chegado gente aqui que não pega nem nos punhos da moto e volta pilotando na moto com outra pessoa que vem com ele ai, teve gente que chegou aqui e foi embora bonzinho, isso né um dom de Deus, não é eu não, agora eu fico assim pensando como é uma coisa dessa pois é, ói dói uma junta, você vira um pé aqui, ela vira também, ele ai vem aqui cachigando tem deles que volta sem cachingar mais, só o tempinho que passa aqui eu vou e rezo curo costuro que eu não tenho novelo de fio eu costuro com a palavra de Deus viu, pois é eu não tenho nada viu, tudo meu é mudado viu pois é diferente viu.

Yslany: E de onde são essas pessoas que vem seu Celson?

Seu Celson: É de todo canto que quiser vir, já tem vindo gente de Sousa viu, já veio gente de Sousa e eu tem rezado neles e eles tem ficado bom, pois é tem sido curado viu. Ói gente em São Paulo e eu rezo daqui e eles se cura lá de... de... coisa como é aquela na cabeça a... a... tão... Tão... eu tava me lembrando, tão conhecida, que ta demais demais a doença, mais não é a doença, perigosa é uma mais fácil de curar, depressão eu tem curado, já curei deles, eles lá em São Paulo me pedem pra eu, o povo daqui deles ali de Umari pede, pra eu curar eles e vem até o retrato eu curo, eu já tenho curado até gente muito abalado com coisa que até se encosta neles coisa mal, mais não é... ai eu tenho curado eles, eles vem eu rezo três veze duas vezes até três e eles vem me agradecer e me pagar e eu digo não, não não quero não eu... eu... quem me paga é Deus e nossa senhora eu não curo... eu não curo ninguém e cobro a palavra de Deus não que é pecado viu, quem cobra a palavra de deus não vai pra frente não, troca por dinheiro não de jeito nenhum, e mais... e mais... e muito incômodos que chega aqui é difícil, só não curei ainda e ninguém cura, só Deus é que cura é o tal do câncer que é o tal do C.A né ta hoje o nome dele ai ninguém cura só quem cura é deus lá, e... e ai tem uns medicamento ai que cura também que a minha veinha tava dando um C.A nela era um começo de C.A e ela ficou boa, ela ficou boa, no ultimo, no derradeiro coisa que você viu quando o rapaz disse aqui com quando pegou o exame dela que disse que disseram uma pessoa disse que sei quem nem quem não que eu tava muito perturbado e que não não pode ficar pra amanhã não que ela incha muito e pode estorar, eu disse pode ficar pra amanhã ela não estora não, ai o rapaz da funerária ajeitando aqui pra... ai eu fui mandei trazer o terceiro exame viu do tratamento dela ai o rapaz olhou e disse aqui pode deixar pra depois de

amanhã se celson ela não tem nada de doença mal, pois é quando foi no outro dia ela tava bem esquiuzinha que ela tava... ela tinha... dentro do tratamento dela ela tinha um problema de intestino viu, pois é era preciso tomar o laxante, ai.. ai... a barriga doía um pouco e inchava um pouco, foi quando deu um infarto nela que foi no dia que ela recebeu um telefone aqui uma hora dessa ai se assustou-se que não era pra se assustar não a doutora disse lá tenha cuidado em emoção, emoção alegria demais, porque é perigoso e sujeito você morrer, foi dito e feito quando sequestraram meu neto lá ai correram com o telefone pra cá, pra que isso. Não precisava.

Yslany: o que que o senhor usa, usa alguma coisa para rezar?

Seu Celson: Não eu uso o que eu uso só os ramim verde e muita cura eu faço com a mão mesmo viu, eu faço com a mão eu benzo com a mão sem ramo verde sem nada.

Yslany: E esses ramos que o senhor usa, tem algum tipo de mato específico?

Seu Celson: Tem, porque eu só rezo com esses mato aqui com essa arvorezinha ai viu pois é, eu gosto de rezar porque ela tem uma ciência.

Yslany: seu Celson tem algum tempo? Um dia certo pra rezar?

Seu Celson: todo dia é só a pessoa precisar da reza viu, se ta sentindo uma dor pode vir que eu curo não tem hora não tem meia noite não tem de madrugada não tem amanhecer do dia não tem meio dia, eu posso ta sentado lá almoçando ou jantando, chaga uma pessoa aqui com uma dor eu corro aqui e vem... deixo meus pratos lá e vem curar ele logo pra tirar ele daquele sofrimento e todo dia todo dia é bom de cura da palavra... com a palavra de deus, deus não deixou marcou um dia, só é um dia não senhor! Não senhor! E não senhora! E na hora que você precisar você precisa você precisa ta sentindo uma dor um incomodo uma hora dessa e deixar pra amanhã de noite ou pra amanhã de manhã, não amanhece vivo não! Já aconteceu história antiga disso ai, desse povo curador que marca dia de cura viu, não não tem isso não.

Yslany: E quem procura mais o senhor adulto ou criança?

Seu Celson: É adulto, é criança é tudo viu pois é, eu curo até os animais, é gado é cavalo é burro...

Yslany: E como funciona esse processo de cura de animal?

Seu Celson: Ai eu já tenho outras diferenças viu, eu mudo um pouco viu, porque a cura do ser humano a gente já tem que usar uma coisa... porque é outra coisa viu... no animal eu não peço o que eu peço para o ser humano.

Yslany: Mais o senhor reza também no animal?

Seu Celson: Rezo! Rezo no animal e ele fica bom é, eu tenho levantado animal estirado ja estirado acabando de dar o derradeiro suspiro ai rezo nele e ele vai se bulindo se bulindo, eu curo de mordida de cobra também o bixinho ta já estirado eu chego e cuspo na boca dele e ele se levanta.

Yslany: De quem?

Seu Celson: Do animal.

Yslany: Tem alguma época que as pessoas procuram mais?

Seu Celson: Tem! Tem!

Yslany: Qual é?

Seu Celson: Não sei tem época que eles procura mais eu acho que é os incômodos que vem né mais quando o povo ta atacado com qualquer incomodo mal que vem de doença ai fica.. e enche a casa... fica.

Yslany: Do mesmo jeito, tem alguma época que o povo procura menos?

Seu Celson: Tem outra época que o povo procura menos que eu chega me admiro viu, ói no dia que eu rezo muito eu me sinto tão bem, pra mim eu tô assim como que eu to nos ares sinto aquela frieza no o meu corpo, quanto mais eu curo as criaturas mais eu me sinto bem, bem de saúde viu pois é é desse jeito, agora nuca pude nunca pude dar... agora você ver o tal do C.A a pessoa ta em grito em grito doendo doendo porque a doença é perigosa, eu chego só é rezar pronto ai se acalma dorme a noite todinha se eu rezar uma hora dessa num dói mais de noite, já vai doer quando passa... quando passa...

Yslany: Ai seu Celson, os tipos de reza, o senhor não pode divulgar?

Seu Celson: Posso não, posso não porque é um bocado assim, um bocado assim quase, uma coisa assim quase proibida pra eu dizer assim as rezas que eu curo porque não posso não viu, isso é uma coisa que eu só posso revelar pra deus mesmo e ele mesmo é

que me ajuda viu. Agora quando eu começo a curar ai eu me lembro de toda oração, pois é.

Yslany: O senhor pensa em passar essa reza adiante para alguém, ensinar a alguém?

Seu Celson: Não posso não eu não posso, porque eu não tenho, num foi ninguém me ensinou, quando chegou esse dom... só quem recebe uma reza dessa é quem tem o dom de deus quando deus da o dom que ai entrega ai ele toma de conta e dá conta viu, mais eu não posso já teve gente que falou pra eu passar pra uma pessoa que eu já tô ficando velho mais eu não posso, não posso passar pra ninguém, não posso revelar minhas oração os meus pensamentos. Ói você vem ali, ali se eu sair daqui e você vir ali eu já to certo que você vai se apresentar ali a mim, nois vamos se encontrar ali. Né uma coisa interessante aquilio vem em mim como uma recordação viu ai o pensamento pensa e dá certo viu o meu pensamento viu pois é, ai muitas e, muitas coisas eu não digo não porque ai fica muito longe viu, porque a sabedoria que deus da a pessoa dentro desse dom que a gente recebe é muita coisa viu é muita coisa viu, eu me sinto tão bem... eu me sinto tão bem... as coisas é meia difícil viu...

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo, REZADORES DE UMARI-CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-2015) coordenado pela professora Silvana Vieira de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Curso de História.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem como objetivo estudar os rezadores de Umari CE apresentando suas práticas e como estas estiveram e ainda estão presentes em períodos e contextos distintos do cotidiano e da vida social da população desse município bem como mostrar as formas de aceitação e busca dos rezadores por parte da população de Umari CE de ontem e de hoje, percebendo como e de que forma essas rezas, esses “saberes”, e esse conhecimento sobre ervas, chás, compressas e remédios do “mato” como chamam popularmente, contribuíram e contribuem para o bem estar social das pessoas que procuram os rezadores. E se faz necessário por se constituir como importante contribuição para o registro da história do cotidiano e das práticas e experiências culturais do município e cidade de Umari-CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: Realização de gravação de entrevistas sobre suas práticas e experiências como rezadores. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e decorrentes de possíveis desconfortos durante as sessões de gravações. Riscos estes que podem ser minimizados ao elaboramos em conjunto as condições menos adversas para realização das gravações. Sua participação é importante já que suas narrativas se constituem como caminho e possibilidade de registro para o campo da historiografia e história da cultura e da cidade de Umari- CE.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG/CFP/UACS/CURSO DE HISTÓRIA

Endereço: RUA IRMA FERNANDA Nº 91

Telefone: (83) 998897762

Email:svs_sil@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Umari 19/03/2016

Maria José da Silva
Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal.

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Entrevista realizada por Yslany Moreira de Menezes, no dia dezenove o três as onze horas da manhã.

Yslany: Qual o nome da senhora completo?

D. Nenzinha: É Maria José da Silva.

Yslany: A idade?

D. Nenzinha: Nasci no dia vinte e oito de janeiro, no dia seis de janeiro de mil novecentos e vinte e oito.

Yslany: A senhora é natural de onde? Nasceu a onde?

D. Nenzinha: Nasci aii... onde foi... eu nasci nas imburana município de Iguatu.

Yslany: E qual a profissão da senhora?

D. Nenzinha: Nada, a profissão é rezar em minino.

Yslany: E como foi que a senhora se tornou uma rezadeira?

D. Nenzinha: E merma aprendi, e fiquei rezando nas crianças, meus fi, ai o povo pegaram vir, saber que eu rezava em criança ai trazia os meninos pra eu rezar e eu rezava ai fiquei rezando, inda hoje eu rezo nas crianças, quando chega os bichim doente eu rezo.

Yslany: E na família da senhora, alguém reza também?

D. Nenzinha: Hum?

Yslany: Na família da senhora, alguém também reza?

D. Nenzinha: Não.

Yslany: Tem conhecimento de alguém que reza?

D. Nenzinha: Eu merma, na minha famia só tem eu, de mulher, de minha mãe, fi de minha mãe, os ôto tudo era ome.

Yslany: Mais eles rezavam ou não?

D. Nenzinha: Não, ainda tem um lá ainda lá no Iguatu mais não reza não já ta caducando (riso/tosse).

Yslany: A senhora pode falar dessas rezas?

D. Nenzinha: hum?

Yslany: a senhora pode falar dessas rezas que a senhora faz?, como é essas rezas, quais são essas rezas?

D. Nenzinha: Como é que reza?

Yslany: sim. Assim como é que a senhora reza, é nas crianças como a senhora disse, como é essas rezas? O motivo que as pessoas vem pra procurar pra rezar nos meninos? O nome do problema, das doenças que o pessoal vem. Vem pra rezar em que?

D. Nenzinha: Uiado, vento caído e quebrante.

Yslany: ai o pessoal vem mais procurar esse tipo de doença ai?

D. Nenzinha: Só... só...

Yslany: E essas pessoas, são de onde?

D. Nenzinha: Daqui mermo, é ar muié daqui mermo.

Yslany: Vem de algum sitio vizinho?

D. Nenzinha: Não, são daqui.

Yslany: Daqui né. Pronto, ai a senhora usa alguma coisa pra rezar?

D. Nenzinha: Não.

Yslany: ai a senhora usa alguma coisa pra rezar, algum instrumento, alguma coisa assim?

D. Nenzinha: Não.

Yslany: A senhora reza só com a mão?

D. Nenzinha: Só, e com um ramim.

Yslany: um ramim?

D. Nenzinha: É.

Yslany: E esse ramim, pode ser qualquer um?

D. Nenzinha: Hum?.

Yslany: Esse ramim, que a pessoa usa, que a senhora usa pra rezar, pode ser qualquer um?

D. Nenzinha: Usa e joga no mato.

Yslany: Joga fora?

D. Nenzinha: É.

Yslany: E o mato que usa, o ramim é um mato né, o mato que usa, pode ser qualquer mato?

D. Nenzinha: É qualquer mato, foi verde.

Yslany: Tem que ser verde?

D. Nenzinha: Tem.

Yslany: Ai a senhora sabe por que é que tem que ser verde ou não?

D. Nenzinha: É... (balançou a cabeça em forma de negativa)

Yslany: Tem um tempo pra senhora rezar? Assim, tem alguma hora marcada alguém chega aqui e...

D. Nenzinha: Não, qualquer hora que a gente chega, eu rezo, ai vai embora e eu fico.

Yslany: E como é essas rezas, por exemplo, de vento caído? Como é que a senhora reza de vento caído nos meninos?

D. Nenzinha: Hum?

Yslany: Como é que a senhora reza de vento caído nos meninos? Tem alguma regra?

D. Nenzinha: Não é tudo numa só, o vento caído, uiado quebrante da criança, e eu rezo, todo duma vez.

Yslany: Ah, quer dizer que a senhora faz a reza toda de uma vez, entendi. Deixa eu perguntar uma coisa a senhora pra ver se a senhora lembra, tem uma época que a pessoa procura mais ou procura menos a reza?

D. Nenzinha: Procurava mais, agora tão procurando mais menos porque, aqui não tem mais, as criança já tá grande, quando cresce, eu não rezo mais.

Yslany: Ai antigamente procurava mais?

D. Nenzinha: Era.

Yslany: Ai a senhora lembra, como era essas procuras ainda?

D. Nenzinha: Hum... Hum...

Yslany: Como era que o pessoal procurava?

D. Nenzinha: Era.

Yslany: O pessoal fazia o que? Vinha na casa da senhora?

D. Nenzinha: pra rezar em mim?

Yslany: Eu tô dizendo, o pessoal vinha lhe procurar?

D. Nenzinha: Era, pra eu rezar nas crianças quando tava doente.

Yslany: Ai a senhora só reza em criança?

D. Nenzinha: Só

Yslany: Nunca tentou rezar...

D. Nenzinha: Só, hum... hum... outro dia chegou um ome aqui com dor de cabeça ai eu digo ai meu sinhô eu num sei rezar não, a minha reza que eu sei rezar é só nas crianças quando tão com vento caído, quebrante, com uiado eu rezo, mais de dôta doença eu num sei rezar não, num aprendi não, só aprendi essa porque eu rezava nos meus fi, pra não andar pelo mundo viu eu rezava em meus fi, ai o povo pegaram a chegar pegaram a

chegar, a minha famia mermo, eu rezava ai chegava gente de fora, chegava um chegava ôto, muié reza aqui em meu fi muié, ai eu rezava era...

Yslany: E algum filho da senhora que reza?

D. Nenzinha: Não, hum... hum...

Yslany: Tem algum filho da senhora que reza? Não tem ninguém, filho da senhora que reza? Não tem ninguém? Algum filho da senhora que reze? Não tem ninguém?

D. Nenzinha: Tem não, um fi não.

Yslany: Nem filha?

D. Nenzinha: Eu não sei... eu não sei se Maria Alice reza, reza de quebrante, Euvira também reza de quebrante uiado vento caído.

Yslany: Ai a senhora quem ensinou a reza e eles?

D. Nenzinha: Não, eles aprenderam por, num sei como, não sei, eu aprendi de... quem me ensinou, foi um velho que morava lá em casa, um veim ele ia de passagem lá pra serra ai ficou lá em casa uns dia ai me ensinou a rezar de menino, pra senhora não andar tanto pelo mundo num rezar em seus filho eu vou lhe ensinar ai me ensinou, pronto só foi eu aprendi, ai tem muitas mais rezas, mais eu disse mais eu num quero, eu sou muito nova pra eu rezar nessas doenças, quero não.

Yslany: Ai a senhora só reza até que horário?

D. Nenzinha: Seis hora, sete hora...

Yslany: De noite de noite mesmo?

D. Nenzinha: Não, só se vier morrendo, pra rezar, mais graças a Deus não veio não.

Yslany: Ai a senhora pode falar como era antigamente naquele tempo?

D. Nenzinha: Hum...

Yslany: Como era antigamente naquele tempo? Que a senhora fazia essas rezas nas crianças? Como era que essas crianças chegavam aqui pra senhora rezar?

D. Nenzinha: Eu vim começar... rezar... eu já tava, eu já morava aqui, já tinha já os fi, os meninos nem queria que rezasse, eu digo meus fi eu rezo nas criança vou rezar em vocês, é só pa rezar em nois e mais ninguém, eles tem raiva.

Yslany: Ai com o tempo o povo vinha procurar?

D. Nenzinha: Eles tinha raiva, eles num gostava não.

Yslany: Mais mesmo assim, a senhora reza até hoje?

D. Nenzinha: Eu num tinha isso não, a gente tem de fazer... a gente tem de fazer... a gente tem de fazer como é, favor as criança, salvar pra eles ficar bom daquela doença, e eles fica bom, com fé fica bom.

Yslany: Muito bem dona Nenzinha, as perguntas são essas mesmo, muito obrigada viu.

D. Nenzinha: Só essas mesmo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo, REZADORES DE UMARI-CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-2015) coordenado pela professora Silvana Vieira de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Curso de História.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem o objetivo de estudar os rezadores de Umari CE apresentando suas práticas e como estas estiveram e ainda estão presentes em períodos e contextos distintos do cotidiano e da vida social da população desse município bem como mostrar as formas de aceitação e busca dos rezadores por parte da população de Umari CE de ontem e de hoje, percebendo como e de que forma essas rezas, esses “saberes”, e esse conhecimento sobre ervas, chás, compressas e remédios do “mato” como chamam popularmente, contribuíram e contribuem para o bem estar social das pessoas que procuram os rezadores. E se faz necessário por se constituir como importante contribuição para o registro da história do cotidiano e das práticas e experiências culturais do município e cidade de Umari-CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): Realização de gravação de entrevistas sobre suas práticas e experiências como rezadores. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e decorrentes de possíveis desconfortos durante as sessões de gravações. Riscos estes que podem ser minimizados ao elaboramos em conjunto as condições menos adversas para realização das gravações. Sua participação é importante já que suas narrativas se constituem como caminho e possibilidade de registro para o campo da historiografia e história da cultura e da cidade de Umari- CE.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG/CFP/UACS/CURSO DE HISTÓRIA

Endereço: RUA IRMA FERNANDA Nº 91

Telefone: (83) 998897762

Email:svs_sil@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Umari 19/03/2016


Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal.

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Entrevista realizada por Yslany Moreira de Menezes, a dona maria dos anjos Moreira Brasil, idade de:

Yslany: Quantos anos a senhora têm?

Dos Anjos: tem sessenta e nove, nasci no dia nove de janeiro de quarenta e sete, no sitio logradouro umari Ceara.

Yslany: Profissão?

Dos Anjos: Agricultura (risos), dona de casa, mãe de família faço tudo não tenho preguiça. (risos)

Yslany: Quando foi que a senhora se tornou uma rezadeira?

Dos Anjos: Quando eu aprendi eu tinha assim uns dezoito anos, mais quando eu vim abrir a profissão eu tava com mais de trinta.

Yslany: A senhora lembra o ano?

Dos Anjos: o ano... não eu não lembro do ano não.

Yslany: E como foi que isso aconteceu?

Dos Anjos: isso aconteceu... eu era meia descrente não dava valor mais quando eu vi o fato acontecendo das criança se levar pros rezado e a gente saber que era... e rezar e a criança ficar bom eu disse eu também vou desenvolver que eu sei, ai continuei. Olha yslany interessante o meu cunhado ele criava muita ovelha ai nasceu um burreguim bem alvim com as manchinhas pretas isso era fofo eu mesma olhei e vi que era bunito, ai chegou o marido de uma cunhada minha ai admirou-se do borrego ele deitadim no pé da cerca ele admirou-se achou bunito avemaria quase que engole o borrego, quando foi... isso foi de manhã quando foi de tarde o burreguim tava estirado no chão, ai o meu cunhado que era o dono das ovelhas veio e me chamou, que era Gonçalo de seu tico me chamou ai foi e me contou a história disse ou dos anjos reze, eu fui sai e rezei quando foi de tardezinha o burreguim tava mamando levanteou-se, ai eu fui crendo que existe o poder de deus da a cura né, ficou agora crer não é pra todo mundo não, tem uns que tem muita fé e outros a fé é mais pouca, a minha era pouca mais quando eu fui desenvolvendo quando eu fui vendo os casos sendo resolvidos que nem aconteceu isso

ai eu fique sabendo que a gente indo com fé a palavra de deus ela pode curar, pode pode de mais.

Yslany: Na família da senhora que tanto reza? Que a senhora tem conhecimento?

Dos Anjos: Na minha família... era mãe outro rezador não, humhum só a minha mãe era que rezava.

Yslany: Ai a senhora aprendeu a rezar com ela?

Dos Anjos: Foi, ela... Ela... Ela... rezava ela queria aprender e pediu pra uma mulher pra copiar e a mulher quem copiou pra ela ai no caso que eu fui quem copiei e eu sabia ler ai eu comecei a lendo né, e ela foi aprendendo e eu fui lendo pra ela ouvir e no caso quem tornou-se a realista da reza foi eu, (risos).

Yslany: Mais ela rezava também?

Dos Anjos: Rezava! Ela aprendeu ah minha filha o povo vinha pra ela rezar, vinha de longe e.. e.. eu rezo e olhado vento caído e eu levanto espinhela e as arcas também eu só não pude aprender foi de dor de cabeça porque tem muita reza importante viu yslany mais ai a reza de arca e espinhela caída é bem simplesim.

Yslany: Ai a senhora reza mais em quem?

Dos Anjos: E rezo em criança e adulto.

Yslany: Com que frequência as pessoas procuram a senhora pra rezar?

Dos Anjos: Procura tem dia que vem de quatro a cinco pessoas com crianças, basta as crianças apresentar alguma coisa de anormalidade né de vômito de obra ai vem e eu rezo, se for por acaso pra ficar bom fica se não foi eu levo pro médico.

Yslany: E chá a senhora ensina? Pra fazer? Ou não?

Dos Anjos: O chá minha filha ele é medicinal ele serve pra muitas coisas agora que hoje em dia as mãe de família só quer a medicina não quer mais usar chá, criança não toma um chá pra tomar umas gotas da farmácia é o maior sacrifício ai ensinar pra que, mais que existe.

Yslany: Mais vem pra rezar?

Dos Anjos: vem, mais pra dar o chá qual é? Não tem mais uma criança que tome o chá, nois curava as criança com chá, o oi de goiaba é bom pra disenteria de criança, o chá da erva cidreira tira o fasti, o chá da papaconha pra enfraquecer o nascimento de dente, tudo isso nois dava a nossas crianças tudo isso é bom né, mais hoje em dia as mães não ensina os filhos a tomar um chá! Não, se adocece uma criança é o maior sacrifio pra tomar até o remédio, quanto mais um cha.

Yslany: Mais quando adocece eles procuram para a reza?

Dos Anjos: Procura pra rezar, procura procura a rezadeiras.

Yslany: Que tipos de reza?

Dos Anjos: Que tipo de reza... Quando eles procura a rezadeira pra rezar que eu rezo, que eu rezo eu sei se tem se tem o olhado e o vento caído eu sei se tiver eu digo ta curado e se eu conhecer que não é eu digo, se não melhorar pode levar para o médico. Se for se for outra coisa realmente fica bom curado e se não for também não fica nã porque não cura outra coisa.

Yslany: O que é que a senhora usa para rezar?

Dos Anjos: nas minhas rezas, três raminhos verde, nos três raminhos verde é os três bem verdinho se um muchar só um ramim é mulher que bota e se muchar os três é homem

Yslany: Mais tem algum tipo de planta especifica?

Dos Anjos: Qualquer um serve agora bom mesmo se tiver oiado forte mal olhado que nem chama né tem que ser o moçambe que tem espinho, uma planta que tem espinho.

Yslany: Sabe o porque?

Dos Anjos: Não o significado eu não sei porque é.

Yslany: Teve um tempo que as pessoas procuravam mais?

Dos Anjos: Yslany teve... de primeiro as crianças as mães o primeiro que fazia era pegar as criança e levar pro rezador pra rezar, tinha deles que ficava bom outros era a medicina tinha que se deslocar pra longe nesse tempo era o tempo da crueldade não

tinha medico não era em cajazeiras bem longe, pra gente consultar um filho era o maior sacrifício da vida.

Yslany: Aqui em umari não tinha?

Dos Anjos: Tinha não, tinha não tinha uma farmacete vei, que era joao Freitas era quem era o farmacete era que passava uns remédios que não adiantava de nada, os meus mesmo eu cansei de levar pra parnaíba em baixio, que tinha parnaíba, ele não era médico mais era muito sabido né até que dava certo, a consulta dele.

Yslany: E a mãe da senhora nessa época ela rezava mais em quem?

Dos Anjos: Ela rezava mais em criança, vinha procurar ela pra rezar.

Yslany: Na família era quem tanto que rezava?

Dos Anjos: Eu não alcancei outras recadeira na família não, eu mermo só lembro dela que rezava.

Yslany: Tem assim algum tempo, alguma hora pra rezar? Um dia pra rezar?

Dos Anjos: Não isso ai fica pra outras coisas, a reza de criança a criança tando doente pode ser a hora que for, do dia da noite da noite a pessoa tem que fazer aquela devoção rezar naquela criança tem rezador que diz eu não rezo de noite, não pode! Não pode! Se a criança ta precisando tem que rezar pode ser a hora que for da noite.

Yslany: Tem algum ritual de reza?

Dos Anjos: Não tem não, tem não, não tem nada não tem nada, só quando chega pra rezar você se concentra na rezai ai continua.

Yslany: E quais são os tipos de rezas?

Dos Anjos: Não é o seguinte reza e quando acabar oferece.

Yslany: Todo rezador faz uso disso?

Dos Anjos: É esse uso de rezar ai oferecer a reza.

Yslany: Vem muita gente de fora procurar?

Dos Anjos: Vem, vem muita gente de fora procurar, assim daqui dessa região daqui de perto tando com criança por aqui vem procurar a gente pra rezar, quanto uns tem mais fé outro tem mais pouca outros se cura fica curado né ai vai dizendo passando dum pro outro dizendo meu filho tava assim e ficou bom né.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo, REZADORES DE UMARI-CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-2015) coordenado pela professora Silvana Vieira de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Curso de História.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem o objetivo de estudar os rezadores de Umari CE apresentando suas práticas e como estas estiveram e ainda estão presentes em períodos e contextos distintos do cotidiano e da vida social da população desse município bem como mostrar as formas de aceitação e busca dos rezadores por parte da população de Umari CE de ontem e de hoje, percebendo como e de que forma essas rezas, esses “saberes”, e esse conhecimento sobre ervas, chás, compressas e remédios do “mato” como chamam popularmente, contribuíram e contribuem para o bem estar social das pessoas que procuram os rezadores. E se faz necessário por se constituir como importante contribuição para o registro da história do cotidiano e das práticas e experiências culturais do município e cidade de Umari-CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): Realização de gravação de entrevistas sobre suas práticas e experiências como rezadores. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e decorrentes de possíveis desconfortos durante as sessões de gravações. Riscos estes que podem ser minimizados ao elaboramos em conjunto as condições menos adversas para realização das gravações. Sua participação é importante já que suas narrativas se constituem como caminho e possibilidade de registro para o campo da historiografia e história da cultura e da cidade de Umari- CE.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG/CFP/UACS/CURSO DE HISTÓRIA

Endereço: RUA IRMA FERNANDA Nº 91

Telefone: (83) 998897762

Email:svs_sil@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Umari 19/04/2016

Maria Leonel Sobrinho
Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal.

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Yslany: Entrevista realizada por Yslany Moreira de Menezes, dia dezenove de Abril de dois mil e dezesseis.

Yslany: Como é o nome do senhor completo?

Zé Bitú: Meu nome completo é José Leonel Sobrinho, me conhecem por Zé Bitu porque meu pai era Chico de Bitu, Chico de Bitu foi quem criou meu pai desde pequeno era padrasto dele casou-se com a mãe dele, ela trazia três filho, ai ela... era três filho não... era o marido dela trazia... o marido dela trazia Chiquinha só Chiquinha, ai minha minha avó teve cinco filho ai esse padrasto meu dele foi quem acabou de criar essa família tudo pequena que quando ela ficou viúva ficou tudo pequeno, naquela seca de trinta e dois no tempo de lampião, eles morava nas cangaia aqui município de Santa Helena que hoje é a propriedade que é muito boa que hoje é daquele povo de mané vicente ai com medo da revolta de lampião a seca era munto grande ela foi e assombrou-se lampião judiou munto com povo da Paraiba, ela correu pras Pomba, era casada com Bitu Lope ai ficou essa famia, os fi de Bitu, Ze Bitu que era o mais vei morreu no Maranhão, era o mais véi irmão de meu pai e as três meninas que era Sinhá, Do Carmo e Maria, ele acabou de criar aqui. Mais nois samo dos Leonel, meu pai é Francisco Leonel de Oliveira passou pros Oliveira, mais era Francisco Leonel Sobrinho, mais quando foi um tempo ai num sei deque sim de que não ele tirou botou pra Francisco Leonel de Oliveira, mais nois samo da famia Leonel e Tomaz ali de Santa Helena.

Yslany: E o senhor nasceu em que ano?

Zé Bitú: Dezoito de abril de quarenta e um, dezoito de abril de quarenta e um. Janeiro agora dezoito agora de abril.

Yslany: Em quais condições vivia sua família em meados dos anos sessenta e setanta?

Zé Bitú: Ia passano pricisão só ganhava... só tinha alguma coisa quando eu ia ganhar, dar o sustento, todo mundo naquele tempo passava pricisão é pra criar meus filho eu tinha que ganhar.

Yslany: E qual era a fonte de renda? De onde era que o senhor tirava?

Zé Bitú: Minha fonte de renda era era eu quando queria um um dinheiro eu ia trabalhar porque eu num tinha fonte de renda de fazer só tinha meus braço mesmo, eu trabaia na roça pra fazer o sustento, pra mim comer milho, feijão arroz.

Yslany: E o que era esse trabalho?

Zé Bitú: Era plantá, colher o arroz, o feijão o mii essas coisa.

Yslany: O senhor plantava na sua terra mesmo?

Zé Bitú: Não na terra dos zôto plantava na terra que era dos zôto eu num tinha terra pra plantá não, nem tinha e nem tem. Desde quando eu me casei que já trabaia com ele e vim deixar quando me aposentei trabalhei quase quarenta ano.

Yslany: Luiz de Pedro quem arrumava o emprego pro senhor?

Zé Bitú: Era quem me sustentava com serviço e e quebrava meu galho quando eu precisava de alguma coisa ia lá e ele arrumava eu trabaia com ele eu lutava com ele. Ai nesse período com Luiz de Pedro mermo eu comecei trabalhando e adquiri a tralaha de predero eu trabaiei de predero eu trabaiei bem uns trita ano de predero ou mais e aprendi lá trabalhano com ele lá porque Luiz era uma pessoa que botava a fazer tudo no mundo mermo que num subesse mais se butá eu tava no mei e aprendi a sentar tijolo levantar casa, levantei muita casa.

Yslany: E quando tinha uma seca, naquele tempo, na década de setenta sessenta?

Zé Bitú: Ai era eu era todos aqui se pegar caçar uma... uma... se alistrá em uma frente de serviço e trabalha pra ganhar o sustento.

Yslany: E essa frente de serviço? Como era?

Zé Bitú: Era cavano terra, carregano carro de mão butano no aterro, fazendo estrada pra fazer... frente de serviço pra fazer... central que era pra passa aqui mais disso abafou acabou.

Yslany: Não foi adiante?

Zé Bitú: Não foi não, nenhuma que a gente trabaiou ta tudo dento parada. Aparecia gente caçano gente pra fazer uma turma, caçar um feitô pra fazer uma turma, feitô era qualque uma pessoa que tivesse um saber pra desenvolver o cargo, ai fazia vinte e

quatro pessoa ou vinte ai fazia aquela turma e ia lá se alistra tudim ia trabalha. Ah Yslany eu num tô presente não a gente trabalhava e ganhava mais mais eu num sei quanto é não, apontava dava era o ponto né naquela época, toda trabaiaava uma semana e dava o ponto, ai quando era no sábado aquela pessoas aquele empregado, se alistrava que ela alistrado se fornecia e trazia a fera pra casa.

Yslany: O senhor não tem noção de quanto ganhava não?

Zé Bitú: Não, eu num sei não, sei quanto ganhava não.

Yslany: Ai essa frente de serviço que o senhor diz, era de prefeitura?

Zé Bitú: É nada, isso é dai era... vinha das prefeitura, mais era verba que vinha do governo né, do estado do governo do estado, pra empregar o povo, era aqui no Mari, Baixi, Ipaumirim, todo... toda... prefeitura tinha tinha que obrigação de sustenta seu povo né na sua frente de serviço ela sustentava, quando não tinha nas... quando não vinha os prefeito não se interessava o caba tinha que desloca pra um ôto lugar pro ôto município de Baixio, pro Icó, pra Paraíba, nois ainda se empreguemo em cinquenta e oito em Antenôr Navarro, foi uma turma daqui se apre... o premeiro alitramento que nois fizemo foi uma turma que era até de Cormo Quarerma nera? Cormo véi juntou aqui vinte e quatro pessoa e levou e nois se impreguemo lá em Antenor Navarro, naquela estrada que vai de Antenor pra... pra... Brejo das Frera pra Irauna, ai nois trabaimo uma sumana quando cheguelo, viemo pra casa, faz forneceu ai quando cheguelo aqui foi no sábado quando foi no domingo, a gente tava pronto as coisa tava tudo pronta pra ir, na seguda feira bem ce... não no domingo que era durmir lá nera? Que era na segunda feira pra ta lá ai chegou um caba aqui, foi até Lorival que trouxe ele, padim, eu era padim dele, num vá pra Antenor não, eu tô fazendo uma turma e vou butar o senhor no mêi dessa turma, ai nois fumo e se empreguelo ali no açude novo.

Yslany: No açude novo de?

Zé Bitú: No açude novo... açude novo que vai aqui pro Baixi que vai pela estrada de baixi.

Yslany: Era para cavar o açude?

Zé Bitú: Não, era pra recupe... fazeno estrada dermatano pra passar uma cental ai que é essa central de de era o projeto era pra vim de Baixi pra Icozim, ela passava aqui na

porta aqui, inclusive passou a desmatação aqui foi um horror de gente se impregô aqui e subiu de cabeça acima, mais isso quando terminou o ano seca, parou acabou-se abafou a papelada.

Yslany: O projeto não foi pra frente?

Zé Bitú: Não foi não, repare que quem vai pro baixi vem vem, ai você num se lembra disso não, vem até o açude novo aquele açude de Mario de Bonifácio pra lá a estrada é boa ali foi feito até ali, é fazia por exemplo era baluá achada baluá pra fazer passar a pista por cima mais num foi feito não.

Yslany: O senhor lembra se na década de setenta de sessenta oitenta, naquela época, se teve alguma seca grande?

Zé Bitú: A maior que houve, pra mim que eu me aperriei munto foi em setenta, foi em setenta num foi, que eu num me impreguei fui lá pro Cachaço, bem umas oito veiz, eu Zé de Tico, Joaquim, tem uma... um... bocado de gente daqui que num conseguia se impregá, ai nois fumo desvanicemo fumo trabaiá num açude de Zé Monteiro aqui no Alegre, cavano pedra butano nos caça... caxão véi carregano no jumento e butano nas parede do açude, nois só aguentemo duas sumana ai disistimo porque estorou ar mão cavano peda no sacrifício maió do mundo, xerem de peda num é nem barro, pra butá na parede do açude nois só aguentemo duas sumana. Ai eu num sei de que é que eu fui trabaiá não, eu sei que... setenta eu num me impreguei não, sofri como o djabo, agora foi munta gente se impregô, mais eu num consegui me impregá não.

Yslany: E quando adoecia alguém na família do senhor? Essa dificuldade todinha que o senhor ta dizendo, como era que fazia?

Zé Bitú: Naquela época as coisa era mais... era difícil, mais era menos dinheiro que tudo era mais barato as coisa num era que nem hoje, que hoje você com um milhão num tem nada no bolso, pode-se dizer pra doença num tem nada né que é o real, naquele tempo com cinquenta mirreís, vinte mirréis ou dez mirréis era dinheiro, você merma que você pra triunfo, não você não foi verônica com a boca inflamada, que nem essa menina ai, com a boca uma ferida de boca tão grande que onde ela babava papocava e parece que o dinheiro que eu levava era uns dez mirréis ou cinco mirréis, mais naquela época num tinha as facilidade, os farmacete que tinha no Baxi pra onde você fosse tinha um farmacete que atendia você sem você paga nada e era intindido esse ome.

Yslany: E médico tinha naquele tempo?

Zé Bitú: Tinha, mais médico só tinha em Cajazeiras, Doutor Zé Danta em Antenor, ai a gente se pegava com esse povo assim, que nem Zé Brinco, Xavier de Joaquim Gavião que era igual a um médico, ai... Parnaíba, Cormo Frazo.

Yslany: Esse pessoal que o senhor esta dizendo era o que farmacêutico?

Zé Bitú: Era tudo Gente , num tinha nenhum formado. Raizero.

Yslany: Eles eram raizeiros?

Zé Bitú: Raizero, mais era um raizero que intindia mais de que os médico de hoje, que inclusive esse Cormo Frazo, um vaqueiro numa mata, correno atraz de um boi deu uma pancada numa perna e toca esse ome grita com a dor nessa perna, historia que me avô contava, gritano, gritano e gritano e disseram, leva pra tal doutor fulano de tal em Fortaleza, e levaram la a junta médica, só tinha em Fortaleza essa junta médica todinha examinou ele todim e botou aparêi e fez tudo no mundo e disse nam, a dor desse ome é uma dor... uma dor que... ai num tem nada nessa perna que é dor asiática, vortou pra traz ai vêi pra Cormo, dexa que ele já tinha ido pra Cormo Frazo e Cormo Frazo tinha dito que era pus que tinha dentro da perna dele, ai disse nam, esse raizero que tem lá é doido, num tem pus ai não, ai o caba voltou pra traz foi pra Cormo Frazo de novo chegou lá contou pra ele, seu Cormo lá os médico desseram que aqui num tem nada, que o senhor num sabe de nada, disse quem foi, disse foi a junta médica lá que me examinou todim, ai disse apois, e dizeno mais assim disse vá lá leve essa carata e diga a esse farmacete que nois fais uma aposta com ele cumai num tem nada, ai o caba chegou e contou essa historia ai disse apois eu vou, você vai vortá pra lá, disse eu vou, se você for eu vou, eu vou que eu quero amostrá a eles que tem pus no osso da sua perna ai chegou lá o caba chegou lá e disse, pronto eu touxe o raizero o doutor de lá, Cormo Frazo, o médico olhando pra ele disse é esse ome, disse é, o senhor é formado? Disse não sinhô, e como é que o senhor aprova que esse rapaz tem pus no osso dessa perna dele, no tutano da perna, disse pois tem, como é que o senhor... vamo fazer uma aposta comigo, o diretor do hospital o doutor lá, vamos fazer uma aposta como é que o senhor quer essa aposta? Se num tiver pus na perna dele vocês furá e num tiver pus, vocês corta meu pescoço, mais se tive eu corto o pescoço de vocês que tão desaprovano, ta feito disse, rapaiz num quera duvidar nois samo formado junta médica, pois ta feita a aposta,

não nois num vamo fazer isso não porque... num pode não meu amigo, apois opere o rapaiz pro senhor não me desaprová, pois voou operá por sua conta meteu a faca abriu quando pulou o ponçao furou a perna do cara lá o pus banhou ele todim o uniforme dele, ai disse que eles baixaram a cabeça, botaram a mão na cabeça, mais como é que um ome que num tem formatura que num estudou que sabe de um negocio desse e nois num sabe, meu amigo o que que o senhor... o que foi que o senhor... o senhor é o que? Disse eu sou uma pessoa que nem vocês, qual é o dom do senhor, ele disse eu num sei, mais ele era afiado do Pade Ciço, Pade Ciço quando quando a mãe dele ela três, numa seca munto grande disse que foi lá pedir uma ajuda ao Pade Ciço, cumade você volte e vá criar esses dois e educar que esse aqui ele já tem uma educação dada por Deus ele num vai precisar de educação mais não.

Yslany: Esse homem ele rezava também?

Zé Bitú: Rezava, não ele abastava ver, curava, ele já sabia o que você tinha ele me receitou várias veis, ele olhava no seu olho, pegava no seu pulso, ele escutava butava a mão em cima do seu peito ele escutava você todim, ali ele já dizia o que é que você tinha, ele tinha um dom né tinha um dom era o mermo caso de Parnaíba, mais mais era assim a medicina pra os pobre de premeiro era assim, era emergência era com essas pessoa, agora doutor mermo só tinha Antenor, Cajazeiras, Ipaumirim, Icó, mais aqui ninguém podia ir pra canto nenhum, as veiz morria até gente, porque num tinha acesso num tinha as facilidade de hoje não. Formado doutor de medicina formado mesmo era de longe um do outo, mais a gente sabia que tinha, gente que tinha um dom, gente que tinha intiligência, que tinha intiligência mais num tinha formatura que num tinha estudo que nem tem hoje, ce sabe que de premeiro que pra uma pessoa arrumar uma formatura só se fosse fi dum ricão milhinário porque hoje não todo mundo hoje quereno botar o fi pra estuda e se formar se tiver interesse da certo né, porque os estudo hoje é diferente tem as facilidade maior do mundo, mais de premeiro nera assim não. Parnaíba ali era um que tinha um dom ele era médio tinha o dom de acertar na doença do povo, ele receitava e dizia e isso e isso e isso e era.

Yslany: E ele passava algum chá?

Zé Bitú: Passava medicamento que nem os médico passa, ele passava, levei essa dai muntas veis pra Parnaíba ela se acabano e morreno ele travaiva no Triunfo e tinha uma besteira de querer me levar mais ele, ela ia se receitar e ele ficava ali em João de Mané

Lito tinha uma casa ali casa veia de taipa nesse tempo ela esperava ele ali mais eu quando ele ia passano ele receitava ela, dizia Maria você num tem nada, você ta com uma... com uma... um tipo nervoso muito forte né depressão não né, você incute as coisa você num tem nada em coração, o negocio dela é que ela era doente do coração e ela num aquerditava no que ele dizia mais era o que ele dizia num tinha nada não, ai me levava pra Triunfo, trabaiva até duas hora, uma ou duas hora, ai nois vinha simbora mais toda vida ele... duas ou três veis ele passava ali e me levava mais ele, ele era que ajudava a classe pobe que num tinha nada, num tinha condições de se tratar e de ir pra canto nenhum, as veis uma doença que não era grave mais se tornava por que a pessoa não tinha com que, e procurava esse povo era Cormo Frazo era Parnaiba era esses farmacete entendido era assim num tinha formatura mais tinha saber intiligência né e rezava.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo, REZADORES DE UMARI-CE: ENTRE A TRADIÇÃO E A FÉ (1970-2015) coordenado pela professora Silvana Vieira de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Curso de História.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem como objetivo estudar os rezadores de Umari CE apresentando suas práticas e como estas estiveram e ainda estão presentes em períodos e contextos distintos do cotidiano e da vida social da população desse município bem como mostrar as formas de aceitação e busca dos rezadores por parte da população de Umari CE de ontem e de hoje, percebendo como e de que forma essas rezas, esses “saberes”, e esse conhecimento sobre ervas, chás, compressas e remédios do “mato” como chamam popularmente, contribuíram e contribuem para o bem estar social das pessoas que procuram os rezadores. E se faz necessário por se constituir como importante contribuição para o registro da história do cotidiano e das práticas e experiências culturais do município e cidade de Umari-CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: Realização de gravação de entrevistas sobre suas práticas e experiências como rezadores. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e decorrentes de possíveis desconfortos durante as sessões de gravações. Riscos estes que podem ser minimizados ao elaboramos em conjunto as condições menos adversas para realização das gravações. Sua participação é importante já que suas narrativas se constituem como caminho e possibilidade de registro para o campo da historiografia e história da cultura e da cidade de Umari- CE.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG/CFP/UACS/CURSO DE HISTÓRIA

Endereço: RUA IRMA FERNANDA Nº 91

Telefone: (83) 998897762

Email:svs_sil@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Umari 30/04/2016

~~Mania Ilexandra M. Mendes~~
Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal.

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Entrevista realizada por Yslany Moreira de Menezes dia trinta de Abril de dois e dezesseis

YSLANY: Qual é nome da senhora?

VERÔNICA: Meu nome é Maria Verônica Moreira Menezes.

YSLANY: Qual a data do seu nascimento?

VERÔNICA: Eu sou do dia quatro do quatro de sessenta e seis

YSLANY: A senhora se lembra como a sua família vivia na década de 70 e de 80, tem recordação?

VERÔNICA: tenho um pouco de recordação da época de setenta, eu era muito criança e tinha quatro anos mas sempre criança grava muito, é mais fácil uma criança gravar de que até mesmo uma pessoa já idoso e na época, meus pais pobres nós somos uma família de cinco irmãos tem o mais velho e depois era eu ai vem mais três e eu lembro da década de setenta do ano de setenta que minha mãe teve um filho no ano de setenta era uma situação muito difícil porque devido a situação, a renda meu pai não tinha devido a seca que devorava muito abrangia o nosso sertão e ele tinha dificuldade para criar a família, portanto meu pai aparecia apareceu na década de setenta, apareceu uma grande seca, apareceu uma frente de serviço do governo federal dai foi preciso meu pai se deslocar de casa pra ir trabalhar pra vê se conseguia alimentação, sobrevivência pros filhos, dai minha mãe tinha ficado e casa e teve um filho na década de setenta e foi muito difícil nossa situação porque meu pai vinha em casa nos final de semana e ela ficava com aquelas crianças, aquela dificuldade, lata d'água na cabeça no tempo da lamparina, casa de taipo e pra sobrar alimentação, quanto a alimentação a gente passava necessidade, minha mãe, nós fomos criados com leite para sobreviver, com leite de criação, de cabra, meu pai tomava as cabra emprestado a quem tinha, aqueles fazendeiros, e ia cuidar pra que tirasse o leite pra poder nos alimentar e minha mãe todo dia tinha por obrigação de levantar cedinho a procura de ração, de alimento pra aquela criação pra dá pra nós e lá ela dizia ai trazia, muito sofredora, trazia alimento pra gente como as vezes manga, banana verde, cana ai ela fazia o que com as manga a gente comia, chupava quando amadurecia e as bananas eram verdes de mais não davam,

minha mãe cozinhava bananas, cozinhava banana partia fatia e dava pra nós se alimentar, descascava aquelas cana e dava como alimento pra gente chupar, era o suco e dai nos finais de semana meu pai chegava e trazia aquele alimento, aquele feijão preto, aquele arroz, aquela coisa, aquela rapadura e nós ia passando o tempo com isso ai na década de setenta veio o ano de setenta e um, setenta e dois, setenta e três a gente foi crescendo, as coisas foram evoluindo já teve uma frente de inverno e foi modificando as coisas porque meu pai já ficava em casa, já ajudava na criação com a gente mas isso foi um tempo muito difícil viu,

YSLANY: E naquela época quando adoecia alguém na sua família como é que fazia pra tratar a doença?

VERÔNICA: Ê naquela época era muito difícil não existia a medicina por aqui era muito difícil, tinha mas se fosse um caso de urgência precisava tirar pra fora. O hospital mais próximo que existia era Ipaumirim, não tinha por aqui Umari, Baixio não tinha, ou Icó e como a gente era muito pobre era muito difícil e o que meus pais faziam se apegavam mais pra cura, pra reza, pras benzedeadas, por exemplo um vomito, uma diarreia, uma dor que a criança sentia a fé era muito grande como ainda hoje existe ai levava a gente, se deslocava de casa ia pros sítios vizinhos procurava aqueles que na época tinha muito, nos sítios vizinhos tinha muito ai levava aquela criança e benzia lá. Tinha criança que saia quase desmaiada e a fé criava e curava, outros casos não, outros casos que eram mais, como tinha naquele tempo, morria muita criança que vinha as diarreias no mês de maio, já dizia o mês dos anjos e todas as mães já tinha medo porque era o mês dos anjos porque vinha aquela diarreia, vômito aquela coisa toda e desidratava as criança ai quando tava ai tinha que apelar e correr, muitas vezes os transportes naquele tempo era animal viu, levava até Baixio, até Ipaumirim com aquela criança botava a criança, o pai montava com a criança e a mãe acompanhava e ia e olha que é longe em, mas na minha família já teve desse casos.

YSLANY: E aqui em Umari Hospital, essas coisas não?

VERÔNICA: Não. Aqui é o seguinte, aqui tinha uma farmácia, a farmácia e tinha um farmacêutico que era bem entendido e nesses casos assim ia até lá e perguntava pra ele e fazia aquela consulta pra criança e ele passava um medicamento coisa que hoje não pode mais, e se desse certo a criança escapava.